



CADERNOS DE CULTURA

3

SERVIÇOS CULTURAIS

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO



FRANCISCO SANDE LEMOS

O ABADE PEDROSA E A ARQUEOLOGIA DE SANTO TIRSO



**O ABADE PEDROSA E A ARQUEOLOGIA
DE SANTO TIRSO**

FRANCISCO SANDE LEMOS

O ABADE PEDROSA E A ARQUEOLOGIA DE SANTO TIRSO



CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO TIRSO
1989

Edição da Câmara Municipal de Santo Tirso • Serviços Culturais
Execução das Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, Lda./Braga
Foto Capa: Manuel Santos

O ABADE PEDROSA E A ARQUEOLOGIA DE SANTO TIRSO

FRANCISCO SANDE LEMOS

INTRODUÇÃO

Nas três últimas décadas de oitocentos, a arqueologia portuguesa adquire uma dinâmica própria, num processo sem paralelo, mesmo em momentos posteriores da nossa história cultural recente. Para isso concorreram diversos factores:

- um profundo movimento romântico dirigido para a procura das origens, das raízes da Terra e da História Portuguesas, movimento de que Alexandre Herculano e Almeida Garrett foram os expoentes máximos, cada um deles em áreas distintas e com estilos diferentes;
- a descoberta e escavação de monumentos e sítios de grande interesse e impacto, entre os quais, no Norte, se devem citar as Citânias de Briteiros, Sabroso, de Santa Luzia, e de Âncora;
- a Conferência da Citânia, celebrada em Briteiros e Guimarães, no ano de 1877, com grande eco em todo o país (LEMOS 1985, 195-214);
- a oitava sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistóricas, ocorrida em Lisboa, em 1880 (GONÇALVES 1980; LEMOS 1988, 42-56);
- a atenção que a Imprensa, periódica e diária, dedicava às «antigualhas», às «cidades mortas», às ruínas e vestígios de sociedades e povos desaparecidos;
- a perseverança e o dinamismo de arqueólogos notáveis, como foram, por exemplo, Martins Sarmiento, Carlos Ribeiro, Francisco Pereira da Costa, Nery Delgado, Leite de Vasconcelos, entre outros.

Na atmosfera estável das últimas décadas da monarquia, sob o império do rotativismo, num ambiente social plácido e morno, pintado por Eça e por Camilo Castelo Branco, formou-se um pequeno universo de arqueólogos, estudiosos e amadores, em torno dos quais se constroem as bases da arqueologia portuguesa. De facto é no último quartel do século XIX, que se realizam as descobertas e escavações, se fundam organismos, se iniciam periódicos especializados, se criam núcleos de museus, iniciativas que em muitos casos ainda hoje subsistem.

A norte do Douro, Martins Sarmiento é o homem que, nos primórdios da arqueologia científica, polariza todo esse movimento, processo que se recorta com nitidez nas páginas avulsas das suas notas, ou na numerosa correspondência que estabelece com figuras nacionais e locais.

Apesar do seu interesse para a história científica e cultural do nosso país, esse movimento tem sido mal estudado. Os arqueólogos actuais parecem mais absortos em devassar os textos na ânsia de dados, do que em reconstituir a primeira etapa da formação de um conhecimento, génese que em Portugal assumiu caminhos originais, sem iludir, no entanto a influência das escolas francesa, inglesa e alemã.

Pela nossa parte já dedicámos algumas páginas ao assunto, a propósito da Conferência de Briteiros de 1877, e da Excursão ao Norte do Congresso de 1880.

Voltamos agora, para nos referirmos à figura e à obra do Abade Pedrosa, amador de arqueologia, colaborador de Martins Sarmiento e fundador do núcleo museológico a partir do qual se organizou o Museu Municipal de Santo Tirso.

ABADE PEDROSA: A PESSOA

Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa nasceu em Santo Tirso em 1848, no seio de uma família da classe média. O seu pai, Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa, era formado pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto e foi médico reputado, contando entre os seus doentes Camilo Castelo Branco, de quem foi amigo. Um seu tio materno era sacerdote, pároco da freguesia de S. Tiago do Bougado, uma das mais ricas do concelho. Um irmão, João Pedrosa, era director da Farmácia do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto, quando morreu subitamente.

Estas breves referências revelam por si mesmo o quadro familiar em que se formou e viveu o Abade Pedrosa. A família Pedrosa, como se deduz da leitura dos jornais da época, era muito considerada na vila, e influente na vida social de Santo Tirso.

Joaquim Augusto Pedrosa frequentou o Liceu de Braga, e em 1866, com dezoito anos portanto, entra para o Seminário do Porto. Em 30 de Maio de 1874 é ordenado diácono, e em 19 de Julho do mesmo ano recebe as ordens de sacerdote na Capela Episcopal do Paço do Porto. Ainda em 1874 passa a exercer as funções de pároco da vila de Santo Tirso, lugar onde se manteve até falecer.

Membro de uma família ilustre, pároco de uma das freguesias mais ricas do concelho, abade da vila, com qualidades humanas e intelectuais respeitadas pelos seus contemporâneos, o Abade Pedrosa, durante toda a sua vida, foi um homem activo, intervindo em diversos aspectos da história de Santo Tirso.

Adiante trataremos dos aspectos especificamente arqueológicos da sua actividade. De passagem, e de uma forma breve, não podemos deixar de aludir à sua acção noutros domínios.

Foi colaborador próximo do Conde de S. Bento, e, depois, do seu herdeiro, José Luís Andrade. Com este último benemérito colaborou assiduamente, de tal modo que foi designado seu segundo testamenteiro.

Pertenceu aos corpos dirigentes da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso, sendo eleito para sucessivos mandatos, em 1885, 1891 e 1899.

Foi presidente da Junta da Paróquia de Santo Tirso.

Esteve ligado a diversas iniciativas locais, das quais destacamos a fundação da Escola Pública Visconde S. Bento, em 1886, a campanha de arborização de Monte Córdova, bem como a fundação da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção e do respectivo santuário.

Com o apoio financeiro dos beneméritos José Luís de Andrade e Bernardino de Sá e Costa, e em colaboração com Fernando Pires de Lima, orientou as obras de restauro do claustro do Convento Beneditino, trabalho que parece ter-se prolongado de 1897 a 1902. Aliás não conseguimos determinar com exactidão as datas das obras do claustro, pois que obtivemos referências não coincidentes.

De referir, ainda, que mandou construir dois memoriais, evocando combates militares relacionados com as guerras liberais, erguidos no local exacto dos sucessos que descrevem.

Este nosso ensaio limita-se essencialmente à faceta do Abade Pedrosa como arqueólogo.

Outros pormenores acerca da actividade do Abade Pedrosa em prol do concelho de Santo Tirso, poderiam ser citados e desenvolvidos. A *Semana Thyrsense* e o *Jornal de Santo Thyrso*, dois periódicos locais, porporcionam bastantes dados. Quando se fizer a história detalhada do município, nas suas diversas vertentes, estes aspectos da bibliografia do Abade Pedrosa serão devidamente desenvolvidos, acreditamos.

O ABADE PEDROSA: ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA

Passemos agora à matéria propriamente dita deste texto, o contributo do Abade de Santo Tirso, para a Arqueologia.

Para tal dispomos de escassos documentos. A principal fonte é a correspondência trocada com Martins Sarmiento, e publicada por Augusto Pires de Lima, em 1940. As cartas de Joaquim

Augusto Pedrosa, endereçadas a Possidónio da Silva, constituem uma outra fonte documental, embora mais limitada. As notícias resultantes da pesquisa sistemática dos jornais de Santo Tirso, ainda que tenha sido produtiva para estabelecer parâmetros da história da família Pedrosa e do Abade, bem como para recolher elementos acerca da sua actividade como notável local, não são muito esclarecedoras sobre o trabalho do sacerdote, como arqueólogo.

A análise das epístolas revela em primeiro lugar o grande interesse do Abade Pedrosa pelo estudo e pela preservação das antiguidades do concelho e, de um modo geral, pelos monumentos e sítios arqueológicos da bacia do rio Ave.

No entanto esse interesse não se traduziu numa actividade contínua, regular. Naturalmente o Abade, pastor de uma freguesia sede do município, homem com várias responsabilidades sociais, não teria os mesmos vagares de que dispunha Martins Sarmiento, por exemplo.

Talvez por isso as suas intervenções são episódicas, embora mais concentradas nas duas décadas de oitenta e noventa.

Em 1883 manda limpar e fotografar a célebre inscrição do claustro do Convento de Santo Tirso, remetendo cópias da mesma a Martins Sarmiento. Desfaz-se assim uma das lendas da epigrafia dessa época, que pretendia ler na lápide uma referência a um soldado romano, vencedor de Viriato. Nesse mesmo ano Martins Sarmiento desloca-se a Santo Tirso e visita o mosteiro. É a primeira referência a um encontro entre o Abade e o arqueólogo vimaranense.

Dois anos depois, em 1885, recebe em Santo Tirso visitantes ilustres:

- Martins Sarmiento desloca-se de novo ao concelho, na sequência dos achados ocorridos no Monte dos Saltos, sítio com ocupação da época romana, localizado na margem direita do rio Ave, não muito distante da cidade de Santo Tirso.
- Possidónio da Silva viaja de Lisboa a Santo Tirso, por comboio, a fim de visitar o Mosteiro de Roriz. Um outro nome ilustre junta-se ao Abade Pedrosa e a Possidónio na visita ao templo românico: Camilo Castelo Branco.

Aliás, a correspondência trocada entre o Abade Pedrosa e Possidónio da Silva tem origem nesta ida do Presidente da Associação dos Archeologos e Architectos Civis a Santo Tirso, na preparação da viagem e em diligências posteriores para valorizar o monumento. Neste mesmo ano o Abade Pedrosa é inscrito como sócio correspondente da Associação presidida por Possidónio da Silva.

Ainda nesse ano encontramos Francisco Martins Sarmiento, e os Abades de Tagilde e de Santo Tirso, a dirigir escavações na necrópole romana descoberta em Moure — Vela, local situado no concelho de Guimarães, na área adjacente a Santo Tirso, na margem esquerda do rio Vizela.

A partir de 1885 a actividade arqueológica desenvolvida pelo Abade Pedrosa torna-se regular, conforme se pode constatar pela leitura das cartas trocadas entre ele e o arqueólogo de Guimarães. Seria fastidioso enumerar, ano a ano, os trabalhos efectuados, as deslocações,

as descobertas. Para um conhecimento mais detalhado do itinerário biográfico do Abade Pedrosa, pode-se consultar a cronologia, que constitui um dos capítulos deste nosso breve ensaio.

Neste texto limitamo-nos a recordar as principais descobertas e acções realizadas.

No âmbito da prehistória deve-se ao Abade Pedrosa a descoberta de vários pequenos grupos de mamoaas dispersas pela bacia do rio Ave: duas mamoaas em Ervosa; uma mamoa na Bouça dos Bicos e outra na Abelheira; outras duas na Bouça Velha (S. Martinho de Bougado). É o Abade Pedrosa que diligencia, a pedido de Martins Sarmento, a compra do conjunto de vinte e quatro machados de bronze, provenientes de um provável esconderijo de fundidor, descoberto próximo da povoação da Abelheira. Os machados seguem para o Museu da Sociedade fundada pelo arqueólogo vimaranense, onde actualmente se encontram. O interesse despertado por estas descobertas talvez tenha estimulado o Abade de Santo Tirso a detectar um outro sítio da prehistória recente situado no Monte Córdova, onde recolhe machados de pedra polida, junto a penedos graníticos, peças que fazem parte da actual colecção do Museu Municipal.

O interesse pelos castros, leva-o até ao Monte dos Saltos, ao Monte Padrão, a Alvarelhos, à Citânia de Roriz ou Sanfins. No concelho de Vila Nova de Famalicão acompanha escavações no Castro de Calendário, promovidas por uma senhora entusiasta do estudo das antiguidades, mulher do delegado local.

No âmbito do estudo da romanização do território do concelho de Santo Tirso, deve-se ao Abade Pedrosa a notícia de vários monumentos epigráficos de grande interesse, nomeadamente as aras de Burgães e de Guilhabreu. Empenhado, como muitos outros arqueólogos e amadores do seu tempo, no estabelecimento da rede viária romana, descobriu o marco de Santa Maria de Avioso, e interveio para evitar a perda dos marcos miliários da Trofa Velha, que correram o risco de descaminho, quando se desmontou a antiga ponte em que estavam incorporados, ao abrir-se a estrada nacional entre Porto e Braga. Acompanhou os achados acidentais que iam ocorrendo em Alvarelhos, deles dando notícia a Martins Sarmento.

De salientar que foi o Abade Pedrosa o primeiro a descortinar a origem romana da actual cidade de Santo Tirso. De facto, em carta ao arqueólogo vimaranense informa-o acerca da descoberta de muita telha e fragmentos de olaria romana, em desaterros feitos junto ao Convento. A posterior descoberta da necrópole da Quinta da Devesa, e recentes prospecções realizadas na área envolvente daquele edifício, nos terrenos da antiga Quinta da Devesa, e em outros pontos do actual espaço urbano de Santo Tirso, demonstram a pertinência da observação do Abade, podendo-se afirmar que sobre o rio, entre duas linhas de água, deverá ter existido um *habitat* romano, uma *villa*, ou um povoado.

Infelizmente o Abade Pedrosa não passou a escrito as suas excursões arqueológicas, os trabalhos que empreendeu em diversos sítios, enfim, as observações e os dados que ia recolhendo.

No entanto, graças ao seu relacionamento com Francisco Martins Sarmiento, ficaram registadas as suas principais descobertas, e mercê da correspondência trocada entre ambos temos uma ideia, ainda que incompleta, da actividade desenvolvida pelo Abade de Santo Tirso, no domínio da Arqueologia.

A CRIAÇÃO DO MUSEU ABADE PEDROSA

A partir dos inícios do século não há referências a intervenções do Abade Pedrosa, no domínio da Arqueologia ou mesmo no âmbito mais lato do património histórico-artístico.

É de acreditar que a morte de Martins Sarmiento, ocorrida em 1899 tenha quebrado um elo de colaboração que mantinha o Abade Pedrosa estimulado a intervir nas descobertas que iam ocorrendo no concelho onde exercia o seu *múnus* sacerdotal. Por outro lado, e segundo parece, a crer em A. C. Pires de Lima, o Abade Pedrosa, tal como muitos outros sacerdotes da região de Entre-Douro-e-Minho, terá reagido mal à implantação da República. É pois possível que também este acontecimento, e a própria idade, tenham diminuído o seu interesse e empenho. Há no entanto uma notícia de jornal que informa que se encontra aberta ao público a colecção de peças arqueológicas, arquitectónicas, heráldicas, de minerais e fósseis, reunida pelo reverendo pároco de Santo Tirso.

A sua morte, que suscitou extensas notícias necrológicas e significativos elogios fúnebres, impressos nos periódicos locais, apenas ocorreu em 1920, ou seja com a idade de 72 anos.

E na década seguinte, durante os anos trinta, o seu nome é de novo recordado, quando por diversas vezes, na Imprensa tirsense se alvitra a imperiosa necessidade de se criar na vila um Museu, ou uma Biblioteca-Museu.

Vinte anos depois da sua morte a família decide oferecer, ao município de Santo Tirso, o espólio reunido pelo Abade. Espólio que por essa altura se encontrava ainda nos claustros do antigo Convento Beneditino, em precárias condições de segurança.

Na mesma sessão em que a Câmara toma conhecimento da oferta, os vereadores deliberam constituir com o fundo oferecido um Museu, com o título de Museu Abade Pedrosa.

Desprovido de um espaço próprio, e de pessoal, o museu assim criado, passou por várias vicissitudes, sofrendo um processo análogo ao que afectou muitos outros organismos municipais do género. No entanto, a ideia e o espólio sobreviveram à incúria dos homens, graças sobretudo à dedicação individual de um outro tirsense, Carlos Faya Santarém, que se interessou pelo estudo dos valores arqueológicos do concelho ao longo de várias décadas, desde os anos cinquenta.

Uma história pormenorizada dos impasses, dos equívocos desta primeira fase da história do Museu Abade Pedrosa seria fastidiosa.

Pretendemos apenas registar que Faya Santarém não se limitou apenas a velar pelos materiais legados pelo Abade Pedrosa. Graças aos trabalhos que empreendeu no Monte Padrão, e em Alvarelhos, acrescentou à colecção inicial numerosas novas peças, entre as quais salientamos os bronzes de Alvarelhos e materiais das necrópoles romanas da Trofa Velha e da Devesa.

A partir de 1985 uma acção conjugada da Câmara Municipal de Santo Tirso, da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, e do Serviço Regional de Arqueologia do Norte (IPPC) abriu uma nova fase da arqueologia do concelho.

A ala superior do Convento foi restaurada por forma a proporcionar a sua utilização como Museu.

Realizaram-se trabalhos de campo no Monte Padrão, em Alvarelhos, e em diversos sítios arqueológicos do território tirsense. Simultaneamente fizeram-se intensos trabalhos de prospecção, que proporcionam uma ideia cada vez mais profunda sobre as sucessivas ocupações desse espaço, desde os tempos recuados da prehistória.

A inauguração do Museu Abade Pedrosa, neste ano de 1989, em instalações adequadas, e com um futuro de trabalho que se desenha promissor, é uma justa homenagem que o município presta à memória daquele ilustre sacerdote e estudioso de Arqueologia.

CRONOBIOGRAFIA DO ABADE PEDROSA

Com base na correspondência trocada entre Francisco Martins Sarmiento e o Abade Pedrosa, e entre este último e Possidónio da Silva, e a partir das notícias e textos respigados do *Jornal de Santo Thyrsó* e da *Semana Thyrsense*, organizámos uma cronologia da vida e da actividade do supracitado sacerdote:

- 1848: nascimento de Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, a 30 de Novembro, filho de Angelina Amália da Fonseca Pedrosa e Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa.
- 1866: entra para o Seminário do Porto.
- 1874: é ordenado diácono, a 30 de Maio, e padre a 19 de Julho. Nesse mesmo ano é nomeado para a paróquia de Santo Tirso.
- 1883: Manda limpar e fotografar a epígrafe latina inserta numa parede do claustro do Convento de Santo Tirso. Remete cópia da mesma a Martins Sarmiento. O arqueólogo vimaranense desloca-se a Santo Tirso, e encontra-se com o Abade Pedrosa.

- 1885: ocorrem achados arqueológicos no Monte dos Saltos; Martins Sarmento desloca-se a Santo Tirso para visitar com o Abade as descobertas verificadas no Monte dos Saltos; escavações em Moure, dirigidas em conjunto por Francisco Martins Sarmento e os Abades de Tagilde e de Santo Tirso; Possidónio da Silva vai a Santo Tirso e visita o Mosteiro de Roriz, acompanhado pelo Abade Pedrosa; morte do tio materno do Abade Pedrosa, sacerdote, pároco da freguesia de S. Tiago de Bougado; o Abade Pedrosa é eleito presidente do definitório da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso.
- 1886: troca de correspondência com Possidónio da Silva, a propósito do Mosteiro de Roriz; inauguração solene da Escola Pública Visconde de S. Bento. Nos discursos é destacado o contributo do Abade Pedrosa para a obra.
- 1887: troca de correspondência com Martins Sarmento; de novo, a pedido do arqueólogo vimaranense, analisa a epígrafe do claustro do Convento de Santo Tirso; oferece ao Museu da Sociedade Martins Sarmento uma cópia em gesso da referida epígrafe; adquire numa ourivesaria do Porto uma custódia de prata para a Confraria do Santíssimo Sacramento, peça que teria pertencido ao antigo Convento Beneditino de Santo Tirso; morte inesperada do seu irmão João Pedrosa, o qual exercia as funções de Director da Farmácia do Hospital da Santa Casa da Misericórdia do Porto.
- 1888: morte da mãe, Angelina da Fonseca Pedrosa; republicano anónimo critica A.B. em jornal do Porto; abundante troca de correspondência com Martins Sarmento; a pedido deste último realiza a compra dos machados descobertos em Abelheira, num esconderijo de fundidor da Idade do Bronze Final; descobre e visita com o arqueólogo vimaranense diversas mamoaas; descobre a estação prehistórica do Monte Córdova, onde recolhe machados de pedra polida; desenvolve diversas diligências a fim de evitar a destruição dos marcos miliários da Trofa Velha; recolhe fragmentos de cerâmica romana nos terrenos adjacentes ao Mosteiro de Santo Tirso; o pai do Abade, o médico Joaquim Pedrosa, requere ao município a aposentação.
- 1889: criada na Sociedade Martins Sarmento a classe dos sócios correspondentes; Entre os quatro primeiros figura o Abade Pedrosa, em conjunto com José Henriques Pinheiro, José de Barros da Silva Carneiro e João de Vasconcelos Meneses; inauguração do busto do Conde de S. Bento, no edifício da Escola, sendo o discurso de homenagem feito pelo Abade Pedrosa.
- 1890: correspondência com Martins Sarmento, destacando-se referências ao miliário de S. Tiago de Antas.

- 1891: o Abade Pedrosa é reeleito no cargo de presidente do definitório da Santa Casa da Misericórdia de Santo Tirso; na Imprensa é salientado o contributo do Abade para o êxito das festas da Semana Santa e de S. Bento.
- 1892: morte do pai do Abade, o médico Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa; troca de correspondência com Martins Sarmento; de novo os jornais citam a importância do Abade de Santo Tirso, no sucesso das festas da Semana Santa.
- 1893: o Abade Pedrosa desloca-se a Briteiros, a fim de visitar a Citânia, e a Guimarães, a casa de Martins Sarmento; oferece ao Museu da Sociedade Martins Sarmento uma cópia da ara a Saturnino; referências à descoberta de um marco miliário.
- 1894: ocorre o achado de um conjunto de moedas de prata, no Castro de Alvarelhos; o Abade Pedrosa manda efectuar cópias em gesso das aras de Guidões, e de Roriz; descobre o marco miliário de S. Pedro de Avioso e a ara de Agra-Guilhabreu; visita com Martins Capela os marcos miliários da Trofa Velha e de Avioso; volta a Guilhabreu, onde observa diversas antíguas, recolhidas por David Ramos, um ex-relojeiro, colecionador de peças antigas, referindo nomeadamente duas peças escultóricas, uma em bronze, outra em mármore; acompanha as escavações promovidas no Castro de Calendário, por uma senhora de Vila Nova de Famalicão, mulher do delegado local, e entusiasta da Arqueologia.
- 1895: José Leite de Vasconcelos desloca-se a Santo Tirso, onde se encontra com o Abade Pedrosa.
- 1896: o Abade Pedrosa e Fernando Pires de Lima elaboram um «Projecto para a reedificação dos claustros do Mosteiro de Santo Thyrsó»; faz parte activa de uma comissão que promove a florestação do Monte Córdova; integra também uma outra comissão fundadora da Irmandade de Nossa Senhora da Assunção e que dinamiza a construção de um santuário dedicado ao culto mariano.
- 1897: novas referências na Imprensa local ao contributo do Abade Pedrosa no âmbito da Comissão Central, promotora do Santuário dedicado a Nossa Senhora da Assunção.
- 1899: é designado testamentário de José Luís de Andrade, o sucessor do Conde de S. Bento; é reeleito Presidente do Definitório da Santa Casa da Misericórdia; visita em Guimarães, Martins Sarmento, cujo estado de saúde se agrava progressivamente, tendo falecido nesse mesmo ano.
- 1901: obras no claustro do Convento de Santo Tirso, orientadas pelo Abade Pedrosa, e patrocinadas pelos beneméritos José Luís de Andrade e Bernardino da Costa e Sá.
- 1902: incêndio que principia na residência paroquial, e que se estende aos claustros do Convento.



- 1905: o Abade Pedrosa, convidado pelos directores do *Jornal de Santo Thyrsó* e da *Semana Thyrsense*, preside à Comissão Promotora das Festas de S. Bento.
- 1913: notícia sobre grave doença que afligia o Abade Pedrosa.
- 1915: o *Jornal de Santo Thyrsó* informa que se encontra exposta para visita do público, no claustro do Convento, uma colecção de objectos arqueológicos, e de fósseis, reunida pelo Abade Pedrosa.
- 1920: morre o Abade Pedrosa, em 9 de Fevereiro, com a idade de 72 anos; os jornais de Santo Tirso publicam extensas notícias necrológicas, de teor marcadamente elogioso.
- 1940: A família Pedrosa ofereceu ao município o espólio legado pelo Abade; a Câmara deliberou fundar o Museu Abade Pedrosa.

CORRESPONDÊNCIA ENVIADA A POSSIDÓNIO DA SILVA

No texto introdutório à correspondência trocada entre o Abade Pedrosa e Francisco Martins Sarmiento, refere Augusto Pires de Lima que o eclesiástico tirsense, em carta, que cita de memória, teria afirmado que tudo o que tinha escrito sobre assuntos de Arqueologia se limitava às missivas remetidas ao estudioso vimaranense, e a Possidónio da Silva. As cartas enviadas a Martins Sarmiento foram publicadas na *Revista de Guimarães*, em 1940. Quanto às epístolas dirigidas ao Presidente da Associação dos Archeologos e Architectos Civis Portugueses permaneceram, ao que se sabe, inéditas, no espólio de Possidónio da Silva, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Trata-se de um pequeno conjunto de quatro cartas, escritas pelo Abade Pedrosa, em 1885 e 1886, e que se relacionam directamente com a vinda do referido architecto a Santo Tirso, a fim de visitar o mosteiro de Roriz, deslocação que se concretizou no verão de 1885.

De facto Possidónio da Silva, apesar da sua idade, e dos achaques de que padecia, era um homem bastante activo, e estava encarregado pelo governo de proceder ao inventário e estudo dos monumentos de valor histórico existentes no país. Provavelmente a sua ida a Santo Tirso enquadrou-se nesse objectivo.

Pelo seu lado o Abade Pedrosa, como personalidade empenhada em valorizar os monumentos do concelho em que vivia, procurou aproveitar a visita do Presidente da A.A.A.C.P. para obter a intervenção do governo, a fim de se realizarem obras de restauro no templo românico.

Estes são os principais dados que se concluem da leitura das poucas missivas que se encontram no espólio de Possidónio da Silva, subscritas pelo Abade, estando uma delas, a primeira, incompleta.

4 Janeiro 1885
Santo Tirso

«(...) Entre a palavra mestre e o animo ha alguns caractéres, que não pude ler, mas supponho, que designarão o dia e o mez. As figuras devem ter de relevo um centimetro e as letras devem ter o mesmo de cavado. É provavel, que este tumulo fosse d'algum gram-mestre dos Templarios, não só por esta igeja ser comenda d'eles, como porque existem no adro trez cruces dos Templarios, mettidas nas paredes.

Diga-me V. Ex. ^a, se este tumulo tem algum merecimento, se tiver mando-o photographar para V. Ex. ^a melhor o poder conhecer.

Peço licensa a V. Ex. ^a para lhe offerecer as photographias de Vilarinho e Roriz e que mandei thirar e que vão neste mesmo correio.

Sou com a maior consideração

.....
.....

P.^e Joaq.^m Augusto da Fonseca Pedrosa»

A.N.T.T., 3690

6 Fevereiro 1885
Santo Tirso

«Não tenho phrases com que possa agradecer a honra, que V. Ex.^a e os Ex.^{mos} consocios de V. Ex.^a acabam de me fazer, inscrevendo-me no numero dos socios da Associação dos architectos e archeologos portuguezes.

Conhecendo a falta de meritos, porque alem de boa vontade nada tenho, que me recomende a tão grande distincção, beijo as mãos de V. Ex.^a por tantos favores, protestando fazer tudo quanto em mim caiba, para a realização dos fins dessa benemerita associação.

Muito folgo com a vinda de V. Ex.^a a estes sitios e terei mesmo prazer em o poder acompanhar.

V. Ex.^a déve seguir do Porto no comboio do Minho até á estação da Trófa e ahi entra no de Guimarães até S.^{to} Thyrsó, aonde temos carro, que nos leve a Roriz, que fica a uma hora de caminho desta Villa.

Aguardando as ordens de V. Ex.^a, sou com a maior consideração

.....
.....

Joa.^m Augusto da Fonseca Pedrosa»

24 Agosto 1885
Santo Tirso

«Agradeço penhoradissimo os esforços empregados por V. Ex.^a a favor da igreja de Roriz. Bom foi que o Ex.^{mo} Ministro attendesse ao que era de tanta justiça e necessidade, pois assim temos a certeza de não vermos um monumento nacional perdido.

Remetto hoje inclusa a senha para V. Ex.^a mandar buscar a pedra de Roriz á estação de S.^{ta} Apolónia, espero que chegará bem.

Se V. Ex.^a quizer mostrar, ou offerecer ao Ex.^{mo} Ministro as photographias de Roriz posso mandar a V. Ex.^a as que quizer, porque as tenho, assim como, se desejar que se mande photographar algum outro monumento desta provincia, é só V. Ex.^a mandar.

Muito estimo que V. Ex.^a esteja restabelecido dos incomodos da viagem ao Minho, que na verdade para V. Ex.^a já deve ser violenta.

Aguardando as ordens de V. Ex.^a sou com a maior consideração...

.....
.....

Joaq.^m Augusto da Fonseca Pedrosa»

A.N.T.T., 3418

15 Março 1886
Santo Tirso

«Só hoje respondo à carta de V. Ex.ª remettendo dois clichés da Igreja de Roriz. Peço desculpa a V. Ex.ª de tamanha demóra, mas não tendo já o cliché primitivo foi preciso ir a Roriz; mas o tempo só permittiu que se lá fosse sabbado.

Se por ventura algum dos dois clichés não servir, tira-se outro.

Dou os mais cordiâes parabens a V. Ex.ª pelo bom resultado dos exames do curso de archeologia, V. Ex.ª deve estar bem satisfeito, porque vae sendo já o fructo de tanto trabalho.

Agradecendo o que me diz da nossa casa d'aula, assigno-me com toda a consideração e maximo respeito...

.....
.....

P.ª Joaq.^m Augusto da Fonseca Pedrosa»

A.N.T.T., 3712

TEXTOS DE IMPRENSA E OUTROS RELATIVOS AO ABADÉ PEDROSA E AO MUSEU

No âmbito do processo de revitalização do Museu Abade Pedrosa, implementado a partir de 1985, um dos trabalhos efectuados consistiu na leitura sistemática dos dois periódicos locais, o *Jornal de Santo Thyrsó* e *A Semana Thyrsense*, com o objectivo de recolherem todos os artigos ou notícias que se referissem ao Abade Pedrosa ou a membros da sua família, detalhadamente, ou mesmo de uma forma breve. Obteve-se deste modo um conjunto de dados de grande interesse, que apesar de serem pouco ou nada informativos acerca da actividade arqueológica desenvolvida pelo Abade, são no entanto bastante esclarecedores acerca da sua personalidade, da sua influência na vida pública da vila de Santo Tirso, e das iniciativas ou obras que empreendeu em diversos domínios. Proporcionam também importantes dados sobre a família do Abade, e revelam o ambiente social de uma típica vila minhota, no último quartel do século passado, e nas primeiras décadas de noventa.

Nesta perspectiva, considerámos oportuno publicar neste volume consagrado ao Abade Pedrosa os textos da *Semana Thyrsense* e do *Jornal de Santo Thyrsó* que se revestem de maior interesse, quer porque adiantam pormenores que não tinham cabimento no ensaio biográfico que redigimos, quer porque permitem entrever a atmosfera da vila, no tempo em que o Abade viveu.

Um especialista de história local, poderia conferir aos documentos que se publicam um outro enquadramento, especializando o impacto desta ou daquela iniciativa ou obra citada nas notícias da Imprensa. Pela nossa parte não dispomos dos conhecimentos suficientes para o efeito.

Por isso, queremos sublinhar que a divulgação desses textos se destina a revelar que a actividade arqueológica do Abade Pedrosa se inseriu no âmbito mais vasto de um homem interveniente na sua comunidade, que não legou apenas um espólio museológico, mas também outras riquezas, como por exemplo, o parque florestal que rodeia o Santuário de Nossa Senhora da Assunção, e que constitui um valioso património paisagístico.

Um dia será, por certo, organizada uma biografia pormenorizada do Abade Pedrosa.

O Soldado que venceu Viriato

Há muito que os nossos antiquários fizeram correr mundo a uma inscrição, existente em Santo Tirso e que daria notícia de um «soldado que venceu Viriato».

Não obstante o sr. E. Hübner ter duvidado da autenticidade de tal notícia, suponho nas suas *Inscriptiones Hispaniae Latinae* que este vencedor de Viriato viria da interpretação fantasiosa de duas siglas V.V., que aliás só podem existir na cópia deficiente que êle consultou, os nossos arqueólogos continuaram a insistir na opinião velha, reproduzindo a tradução, condenada pelo ilustre epigrafista de Berlim, e ainda mais pela gramática, em vista do texto com que êles a acompanhavam.

Nos meados dêste ano, indo casualmente a Santo Tirso e visitando um cláustro do seu mosteiro, encontrei embutida numa parede uma inscrição romana, cuja leitura me causou a mais viva surpresa. Nem sequer me lembrava naquele momento que houvesse em Santo Tirso uma inscrição romana. O sr. *Abade Pedrosa*, que estava presente avivou-me a memória, dizendo que era esta a lápide, em que os nossos epígrafistas viam o soldado que venceu Viriato — *vinxit Viriato* (sic). Mas aqui não há cousa que se pareça com *vinxit Viriato* — mesmo que isto fôsse latim.

O meu ilustre interlocutor, sem manifestar opinião própria e tornando-se um mero explicador dos nossos intérpretes, fêz-me notar o último nome da segunda linha e o nome da terceira. O último nome da segunda linha era VICT., e pelos antecedentes via-se logo sem hesitação possível que esta abreviatura era a da palavra VICTRICIS, pois que a primeira e segunda linha diziam: Lúcio Valério Silvano, soldado da Legião Sexta (denominada) vencedora (*Victricis*)...

A terceira linha continha um nome, infelizmente truncado no começo, mas de resto perfeitamente legível: TVRIACO. Ora se VICT. se confunde pouco com *vinxit*, TVRIACO menos se confunde com *Viriato*; e, mal por mal, parecia que o patriotismo, de mãos dadas com a gramática, devia ver nesta inscrição um soldado vencido por Viriato, *victus (a) Viriato*, e não um soldado que venceu a Viriato — *vinxit Viriato*! Mas a verdade é que este legionário nos não conta aqui, nem as suas vitórias, nem as suas derrotas, senão um acto de devoção, como se infere claríssimamente da última linha, onde, a-pesar-da falta accidental da primeira sigla, se encontra a fórmula correntia: v(otum) S(olvit) L(ibens) M(erito).

Temos pois uma inscrição votiva e a terceira linha continha o nome do personagem, a quem o voto foi feito.

Infelizmente, como já disse, este nome está mutilado nas primeiras letras, em consequência do acidente que fêz saltar fora uma lasca de pedra, onde estas letras estavam esculpidas, bem como a primeira sigla da última linha.

O sr. Abade Pedrosa deu-se ao trabalho de mandar vir uma escada (porque a lápide está a bastante altura do chão) e tentou desembaraçar a pedra duma crusta de argamassa, com que a falha fôra remendada em tempo, e no intuito de averiguar se restariam por baixo dela alguns indícios de letras. Viu-se porém logo, atenta a dureza que a cal e areia tinham adquirido com a idade, que a operação levaria muito tempo e exigiria muitas cautelas, para não agravar os defeitos antigos; e, como era tarde, o meu amável cicerone encarregou-se de continuar a tarefa no dia seguinte.

Tenho à vista a fotografia da inscrição, que o meu ilustrado amigo mandou tirar, depois que conseguiu libertar a pedra de tôda a caliça que a remendara. Atrás de TVRIACO há vestígios duma letra que devia ser um O, e antes desta há espaço para um D e um E. A terceira linha pode então ler-se *Deo Turiaco*? Neste caso a inscrição seria:

L. VALERIVS SILVANVS
MILES. LEG. VI VICT.
deO TVRIACO
v. S. L. M.

Escusado dizer que é falsa a notícia de que a lápide fôsse tampa duma sepultura romana, como se lê em mais que um escritor nosso. Se ela foi encontrada sôbre uma sepultura, isso é obra do acaso ou do capricho de quem lá a colocou.

Quanto à Legião Vencedora, no tempo de Viriato ainda não havia Legião nenhuma com semelhante denominação.

Guimarães, 5-12-83.

DISPERSOS

Martins Sarmento

Coimbra, 1933, pp. 252-253

(...) **Moreira de Cónegos.** — Ao romper a estrada de Guimarães ao Pôrto, por Santo Tirso, os trabalhadores no sítio de Moure, próximo do lugarejo da Vela, começaram a desenterrar uma considerável quantidade de vasilhas, mais de sessenta, segundo uma testemunha ocular. Apareciam em «canos», e a terra que dêles se tirava vinha misturada com pregos enferrujados. Muito antes desta descoberta, o sítio tinha uma reputação invejável; contava-me uma mulher da Vela, como há um «rôr dé anos», passando ali um estrangeiro ⁽¹⁾, dissera a quem o quis ouvir não imaginar ninguém as grandes riquezas que estavam enterradas entre S. Gião e o «Cruzeiro das Portas de Ferro». As riquezas, já se entende, pertenciam aos mouros: mas estes mouros vinham fugidos de Guimarães, e esconderam o dinheiro e jóias que traziam consigo, porque, observa a mulher, faziam o mesmo que os franceses, enterrando os seus tesouros, quando farejavam a impossibilidade de os poder levar para a sua terra. Não contribuía pouco para comprovar os recônditos conhecimentos do forasteiro a existência do Penedo da Moura, que ficava dentro do perímetro marcado pelo desconhecido.

Doutra fonte colhi uma notícia muito menos vulgar: era nada menos que a do achado dum documento escrito, encontrado dentro duma pia de pedra (que ainda vi perto da valeta da estrada) e dando indicações acêrca do celebrado tesouro. E não era uma coisa vaga: nomeava-se a pessoa, que então estava possuidora do documento. Para aguilhoar mais a curiosidade, dizia-se que o documento consistia num «rebôlo com letras douradas». Depois de muito trabalho, pude adquirir a preciosidade, ou melhor as preciosidades, porque eram duas. Uma delas é uma tira de papel dentro de um tubo de chumbo, e no papel indica-se a distância, onde deve trabalhar todo aquele que pretenda desencovar o dinheiro, sem marcar orientação alguma bem determinada; a outra é um pedacinho de lousa quadrado, de que os fantasistas fizeram um rebôlo de letras douradas, e contendo uma indicação quási igual à do papel ⁽²⁾. Provavelmente a lousa representa uma segunda edição, e foi feita no pressuposto de

⁽¹⁾ Este estrangeiro é uma espécie de judeu errante, de que tenho ouvido falar em muitas partes. O seu modo favorito de fazer revelações é este: «Vocês atiram muita vez com uma pedra sem imaginar o que tiveram na mão e deitam fora». A pedra, entende-se logo, era ouro encantado. Entre os tesouros de Moreira conta-se uma grade, um cambão e um tornadouro, tudo de ouro fino, está claro; e é extraordinário o número destas alfaias agrícolas, que por todo o Minho estão à espera dum cavador privilegiado. Bem se vê pela escolha do figurado quem foi o principal autor destas fantasias.

⁽²⁾ Ambas elas estão hoje no Museu de Guimarães, juntas aos objectos encontrados nas sepulturas.

que o tempo comesse a primeira. Como se imagina, tudo isto é obra dum trocista, que conseguiu plenamente o seu fim, porque é certo que a brincadeira fêz perder o sono a muita gente.

Entremos na descrição das antigualhas. Já, conforme me asseveraram, o empreiteiro dêste lanço da estrada via sepulturas nos «canos», onde apareciam as vasilhas e suspeitava justamente que os pregos, trazidos pela pá, de mistura com terra, denunciavam enterramentos, feitos em caxões de madeira. Algumas explorações, efectuadas mais tarde pelos drs. Manuel Marinho e Geraldo Guimarães, confirmaram estas verdades. Em 1885, pude também fazer algumas escavações, tanto ao nascente, como ao poente da estrada, sendo auxiliado nestes trabalhos pelos meus amigos, *Abades de Santo Tirso* e de Tagilde. As sepulturas eram abertas no saibro duro, de sorte que, tentando o terreno com uma alavanca, era fácil conhecer, pela menor resistência à sondagem, o ponto onde as campas se encontravam. De sorte que, durante parte duma manhã e duma tarde, pudemos explorar umas dezoito, e não explorámos mais, por nos parecer inútil — tal era a identidade dos achados. Encontrada a terra mole e tirada pouco e pouco à enxada, ia-se desenhando um quadrilongo 1^m,80 de comprimento e 0^m,75 de largo, vindo a terra muitas vezes mosquetada de bocados de ferro comido, que se via depois serem restos de grossos pregos. Chegando à profundidade de quasi um metro, descobria-se uma vasilha, logo outra mais pequena, e por fim um prato covo, formando tudo um grupo. Alguns curiosos, que assistiam ao despejo das campas, iam classificando as vasilhas e comentando a sua serventia. A vasilha maior, de gargalo esguio, era uma vinagreira, e tudo aquilo tinha relações com a alimentação, destinada ao inquilino da cova, porque, dizia sentenciosamente uma mulher, no princípio do mundo os velhos eram levados para o monte, deixando-lhes ao pé alguma coisa de comer e de beber (...)

Inauguração solenne da escola Visconde de S. Bento, em Santo Thyrsó

Magnifico espectáculo que no dia 3 de janeiro apresentava a ridente, formosa e encandora villa de Santo Thyrsó revestida de festivas galas, para solemnizar numa festa de progresso e civilisação, que será gravada em letras d'ouro na pagina mais brilhante dos seus anaes.

Realisou-se n'esse dia memoravel inauguração solenne do magestoso e monumental edificio com que a dotou o illustre e nobilissimo Visconde de S. Bento, que por este facto se collocou n'um logar glorioso, proeminente e distinctissimo na legião dos benemeritos da instrucção popular.

O enthusiasmo foi geral e indiscriptivel; a apotheose consagrada a tão benemerito titular foi magestosa e imponente e a ovação foi espontanea e completa.

Ficamos muitissimo impressionados vendo tão entusiasticas, sinceras e geraes demonstraões de regosijo, homenagem, reconhecimento e gratidão para com o grande bemfeitor d'esta terra.

O dia estava formosissimo; a sua belleza casou-se perfeitamente com a alegria da festa.

Era meia hora da tarde quando o snr. Visconde de S. Bento sahíu de sua casa, sendo acompanhado pelo (*sic*) snrs. Manoel Dias de Gouvêa Asevedo, juiz de direito substituto e presidente da junta escolar; dr. Domingos Rodrigues Ramos, delegado do procurador regio; João Evangelista Machado da Cunha Faria e Almeida, administrador substituto; drs. Antonio Carneiro d'Oliveira Pacheco e Antonio Augusto Soares Rodrigues Ferreira, representante da Santa Casa da Misericordia; José Joaquim Machado da Cunha Faria e Almeida, presidente da camara municipal, e os vereadores José Rodrigues Ferreira da Silva, Joaquim Maria d'Andrade e Manoel José Martins d'Araujo; dr. Antonio Velloso

d'Araujo, conservador do registo predial; escrivães de direito e officiaes do juizo, acompanhando-os tambem os bombeiros voluntarios, a excellente banda de musica do Visconde de S. Bento e a denominada dos Conceiões, em direcção ás antigas casas de escola, onde aguardavam a sua chegada a junta de parochia e a musica dos Paivas.

Chegado alli o prestito, o snr. Visconde entrou nas escolas, e mandou sahir as creanças, esperando á porta que ellas desfilassem, offerecendo-lhe n'essa occasião o menino Francisco José Fernandes um formoso *bouquet*.

Os alumnos que eram mais de 150, tinham á frente a bandeira nacional, que era levada pelo menino Augusto Germano d'Asevedo Pedrosa, e as alumnas, em numero 108, levavam cada qual um cartão, em que se lia:

«1886 — As alumnas da escola publica de Santo Thyrsó, ao ex.^{mo} snr. Visconde de S. Bento, benemerito da instrucção — Gratidão e reconhecimento».

Atraz dos meninos ia o seu professor e ajudante os snrs. Joaquim Pires Fernandes e Bernardino Antonio dos Santos e das meninas a professora e ajudanta as snrs.^{as} D. Zulmira d'Asevedo e D. Maria Sophia d'Asevedo, precedidas das referidas corporaões, auctoridades e snr. Visconde, acompanhando este sequito os bombeiros voluntarios, as referidas bandas e muitas pessoas.

A' sahida do cortejo estrondearam girandolas e subiram ao ar numerosos foguetes.

Todas as ruas por onde passava o acompanhamento estavam embandeiradas e repletas de povo, e ás janelas e sacadas viam-se muitas senhoras e cavalhareiros.

O prestito era magestoso e imponente.

Quando chegou ao novo edificio escolar novamente estrondearam as girandolas e subiram ao ar muitos

foguetes e os sinos da igreja repicavam festivamente, estando o terreno que o circundava apinhado de povo. Formados em duas alas, junto da entrada principal, viam-se os artistas que tinham trabalhado na obra grandiosa, tendo á frente os seus mestres, snrs. Antonio da Silva Balbeira, Joaquim Bento Sineiro, José Narciso Mideiros, Joaquim Alves Pimenta, Antonio Ferreira Burgães, Joaquim Pereira Baltar, Anastacio da Silva, Bernardino Fernandes Vianna e José Corrêa de Souza.

Estava proximo da porta o muito digno abbade d'esta villa, o snr. Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, um padre virtuoso e exemplarissimo, que é justamente considerado o verdadeiro prototypo dos parochos, tendo uma salva de prova (*sic*) com a chave do edificio (*sic*).

O snr. Visconde, tomando a chave que lhe foi apresentada, abriu a porta do magestoso templo da instrucção popular e em seguida entrou para o salão nobre juntamente com as pessoas que formavam o sequito, vendo-se tambem n'aquelle recinto muitas senhoras, os representantes da imprensa, o snr. José Antonio Simões Ramoso, inspector d'esta circumscripção e o curso complementaar da escola normal do Porto.

O snr. Visconde ocupou o logar de honra, e em seguida o digno presidente da junta de parochia, snr. Bernardino Alves Babosa Santarem, explicou o fim d'aquelle sessão, e convidou para secretarios o tabellião snr. Antonio Caetano Corrêa do Amaral e o escrivão snr. Francisco José Telles da Cunha.

O snr. Amaral, antes de principiar a leitura da doação feita á junta de parochia, manifestou em breves palavras o contentamento com que ia fazer essa leitura, exaltando as virtudes do nobre titular.

Lida a escriptura do snr. Visconde entregou o traslado da mesma e a chave do edificio ao snr. Santarem, que agradeceu, em nome dos habitantes e das creanças d'esta villa o grande beneficio recebido e em signal de reconhecimento e prova de gratidão, pediu licença para beijar a mão do illustre titular, o que seguidamente fez. Propoz em acto continuo que a escola se ficasse denominando do Visconde de S. Bento, o que foi unanimemente approved por aclamação.

Depois pediu a palavra o snr. dr. Domingos Rodrigues Ramos, talentoso delegado do ministerio publico, que fez um discurso admiravel e brilhantissimo, cheio de

enthusiasticas saudações ao grande acontecimento que alli se celebrava.

Sentimos de véras não poder transcrever na sua integra todas as palavras proferidas pelo distincto orador.

Dos apontamentos que tomamos, que em todo o caso são apenas um palido reflexo do que lhe ouvimos, lembra-nos o seguinte:

Que todo o homem que se preza as acções generosas dos outros, sente um prazer indizivel, uma alegria saluberrima e um alto orgulho ao respirar o ar de festa que a caridade mais intelligentemente pensada, mais bem guiada e de mais proficuos futuros e solidos resultados póde dispensar.

Que o facto artistico de symbolisarem a caridade sob a figura de mulher, agasalhando creanças, tinha a sua explicação n'aquelle, ser a mais perfeita obra da natureza, assim como a caridade é a mais sublime virtude do coração, n'estas, o symbolo da franqueza, porque nada ha mais fraco que o homem na sua primeira infancia.

Aqui, n'um rasgo de admiravel eloquencia, começou pela historia fóra citando Eva, na aurora do genero humano, Sará, Judith, Helena, Ephigenia, Egeria, Lucrecia, Virginia, a mãe dos Grácos, Magdalena, Maria, Beatriz, Laura, Leouor (*sic*), Natercia, Joana d'Arc, Victoria de Colona, Fornarina, Margarida de Fausto, Carlota Corday, Philippa de Vilhena, mostrando já o heroismo, já o amor, já a dedicação pela patria, já a influencia d'ellas nas obras d'arte, no amor civico...

Em seguida discursou brilhantemente sobre a santa e benefica influencia da mulher, hoje á face da sciencia, como a primeira educadora na ordem chronologica e logo depois a escola, como segunda mãe do espirito e do coração.

Sobre a influencia da mãe e da escola primaria citou aquelles que, nascendo no meio da pobreza, deixaram os seus nomes em constellações de immenso brilho no firmamento da sciencia, da arte, da industria e da navegação, citando como exemplo Copernico, filho d'um padeiro, Kepler, filho d'um taberneiro, Laplace, filho d'um pobre lavrador, Dalember, colhido pela mulher d'um vidraçeiro, abandonado nas ruas de Paris, Diderot, Pareu, Daguerre, Dupuytren, Vanquelin, Franklin, Co-

lombo, Molière, Voltaire, o Papa Xisto V e Adriano VI, todos filhos do povo, que tiveram de certo na escola primaria o incio da sua futura gloria.

Era por isso que a fundação d'uma escola com a grandeza e sumptuosidade d'esta, era com certeza a mais esplendida obra, que o snr. Visconde de S. Bento tinha executado. Reunia tudo quanto de mais sublime a caridade de mãos dadas com a philantropia podia ditar.

Elle orador, representante da sociedade, não podia nem devia vir alli queimar o incenso da adulação; prohibia-lh' o a seriedade do seu cargo e o respeito que lhe merecem as acções dignamente alevantadas; era por assim dizer o orgão de todas as pessoas de Santo Thyrso; e para demonstrar a verdade d'estas suas accersões comparou o uso que em geral os homens ricos fazem das riquezas que possuem, collocando-se uns á frente de partidos, dividindo os laços de parentesco e da amizade, semeando discordias, inventando calumnias e comprando com ouro convicções; outros gastando essas riquezas tão sómente em proveito proprio; outros desperdiçando-as nos vícios que escandelisam o meio social.

Com o fundador, porém, d'esta escola não se vê nada d'isto.

Onde ha um templo arruinado a sua esmola vae levantar-o, aformosea a villa, cedendo gratuitamente os terrenos de que necessita; é o mais assíduo protector d'essa instituição que salva os nossos bens dos terriveis effeitos do incendio; sustenta, dando um professor dos mais competentes entre os mais competentes para que a musica seja aqui ao mesmo tempo deleite e proficuo ensinamento, e agora dá á instrucção um templo dos mais vastos que existem no paiz.

E' por tudo isto que o respeito, toda a veneração e assentimento que se approxima muito da adoração que lhe é votada existe não só n'este povo, que se descobre reverente ao vel-o passar; mas em todos que o conhecem.

E qual é a paga, perguntou elle orador, se de nada necessita, porque tudo tem? Quem podesse analysar-lhe o seu pensamento veria que o unico galardão que exige é que aquelles a quem offerece um tão rarissimo presente deem nome á terra que os viu nascer e renome á escola d'onde saíram.

E que mais podem exigir d'elle Visconde? Depois d'isto virá o hospital, depois o asylo para a creança e para o velho; porque quem lhe deu o pão do espirito não lhe ha de faltar com o pão do corpo.

A figura proeminente do fundador da escola destaca-se de fórma do meio do abatimento geral, que bastaria em cada centro de população haver um que o imitasse para o ridentissimo Portugal, pequeno em territorio, mas grande em aspirações, ser feliz.

Por fim terminou implorando aos paes e mães de familia, que o ouviam que se compenstrassem bem do beneficio que acabam de receber e que trouxessem para a escola os seus filhos, ainda que com isso se sacrificassem, se quieriam agradecer tão eminente favor, por quanto cada creança que alli estava, no futuro seria um sacrario onde se abrigariam as benções para tão excelso bemfeitor, e quando por ventura a morte o roubasse que não deixassem nunca seccar as flores da gratidão em volta da campa de tão vigoroso athleta do bem.

A assembleia interrompeu com bravos calorosos por diversas vezes o orador, e quando terminou foi abraçado por todos o que de perto lhe poderam mostrar o seu enthusiasmo, devisando-se lagrimas nos olhos de muitas pessoas.

O nobre Visconde mostrou-se satisfatoriamente commovido.

Em seguida pediu a palavra o snr. Simões Raposo, distincto inspector e disse que, em nome da instituição que representa, agradecia a dadiva valiosa que a favor do progresso o illustre titular fazia a esta terra.

Que a escola, a educação, era um ponto dos mais poderosos que occupam o saber, a reflexão e o estudo de todos os homens que se interessam pelo bem estar as nações.

Que a mulher onde estava bem, onde era digna de todo o respeito e adoração, era no seio da família, como primeira ensinadora.

Que a não queria nem deputada nem ministra.

Passou em resumo por algumas das escolas philosophicas e da Grecia citou a philosophia de Epicuro, fazendo realçar o vulto de Christo com as idéias divinas da sua doutrina.

Nunca lisongeou alguém, quer se sente em dourado throno, quer se originasse na mais baixa escala social.

Fallava do coração, e era sobretudo á verdade que elle se curvava. E a verdade mandava que entre os benemeritos e os nobres se collocasse o Visconde de S. Bento. Quer perto ou longe se havia sempre de lembrar d'esta phisionomia tão sympathica, e que ha de agradecer o exemplo dado com a fundação d'esta escola.

Portugal ainda era um paiz de grandes recursos, que se affirma na litteratura e na arte; tem tradições de grande valor já iniciando hospitaes, já asylos, que hoje valem mais que as conquistas d'alem mar.

Tem-se muito a esperar da iniciativa particular, só ella poderá supprimir as faltas que necessariamente ha de haver, por quanto o poder central está immensamente sobrecarregado de despezas com que não pôde; que era uma grande alegria para elle orador ver tantos meninos e meninas que se hão de aproveitar de tão grande beneficio, porque uma das primeiras qualidades do ensino, sendo salutar, era o das escolas alegremente desejadas, e para isso não se podia conseguir este fim sem edificio risonho, com muito ar e muita luz, condições que gostosamente via em tão grandioso monumento; e por tanto pedia que o acompanhassem n'um brado de sentido enthusiasmo, appetecendo longa vida ao nobre fundador.

A assemblêa acompanhou-o num estrepitoso viva ao Visconde de S. Bento.

O bello discurso do snr. inspector foi por vezes interrompido com o riso, que s. ex.ª provocava com a graça que lhe é peculiar, e muito applaudido.

Logo depois apresentaram os artistas que tinham trabalhado na construcção do edificio a seguinte mensagem, que foi lida pelo snr. Antonio José Moreira Vasconcellos, amanuense da camara municipal e escrivão da junta de parochia:

III.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

No meio do reconhecimento geral dos povos d'esta terra para com V. Ex.ª pelo monumental edificio que acaba de doar-lhe a bem da instrucção publica, os artistas que n'elle trabalham aproveitam este momento solemniissimo para virem tambem depôr aos pés de V. Ex.ª as suas calorosas felicitações e patentear-lhe publica-

mente o seu eterno reconhecimento pelo trabalho que por tanto tempo V. Ex.ª lhes facultou.

Santo Thyrso, 3 de janeiro de 1886.

Os artistas.

Finda a leitura o delegado levantou vivas aos artistas de Santo Thyrso, que foram calorosamente saudados.

Depois dirigiu-se o snr. Visconde para a sala da aula do sexo masculino, sendo victoriado por todos os meninos que alli o esperavam.

Apenas alli chegou o menino Manoel Maria de Castro, recitou a poesia que se segue, devida ao inspirado poeta Alfredo Campos, expressamente feita para esta solemnidade:

*Esta festa inaugura mais um templo,
Graças ao generoso coração,
De quem a caridade abraça o exemplo,
— O templo é escola — o culto — a Instrucção.*

*Vós, que assistis á festa esplendorosa,
Onde os cegos virão buscar a luz
Da doce aurora, sempre radiosa,
Que rasga as trevas e ao provir conduz,*

*Abençoaes a mão que largamente
— Primeiro sacerdote aquí celebra —
Ponde flores no altar resplandecente,
Desfolhae rosas nos degraus de pedra.*

*Fazei devotos crentes vossos filhos
Para que vindo aquí, cheios de fé
Colham da luz os salutaes brilhos
Na magestosa biblia do a b c.*

*D'aquí ha de sahir a grande chave
Que fecha o ajube, e fecha os tribunaes,
E os vicios da taberna corte e entrave,
E ao bem descerre os peitos desleaes.*

*D'aquí ha de sahir para o trabalho
Mais firme o corpo e mais firme a razão,
Bem como sai, ao matutino orvalho,
Da oira messe o glorioso grão.*

*D'aquí sai a virtude, sai o affecto
A crença, a esp'rança, a luz, a vida, o amor;
Da primeira vergontea — o alphabeto —
Até ao catholicismo — a grande flor.*

*Esta festa inaugura, pois, um templo,
Que hade perpetuar a doce mão,
De quem de dar é sempre vivo exemplo,
E ao bem tem sempre aberto o coração.*

*Saudae com vivo enthusiasmo a festa
Que o nobre titular aqui celebra,
Soltae a voz, que a gratidão attesta,
Cubri de rosas os degraus da pedra.*

O snr. Pires Fernandes, incansavel e illustrado professor, proferiu, cheio da mais viva commoção, o seguinte discurso, que gostosamente transcrevemos, sendo muito victoriado:

Na presença d'um auditorio tão selecto; rodeado de tantos cidadãos elevados aos mais altos graus da escala social, os meus labios deveriam emmudecer, não só para lhes não tomar tempo, mas mais ainda porque reconheço a minha insufficiencia.

Não posso, porém, resistir ao impulso do meu coração. O motivo é tão grande, que creio haverá lugar para todos, e a minha posição de obreiro, ainda que o mais obscuro, da instrucção popular, impelle-me a tomar o lugar que me compete n'este recinto, implorando-vos a paciencia de me escutar por um pouco.

Meus senhores! — Já hoje ninguem estranha que é da instrucção e educação popular que nasce a felicidade; já geralmente vemos em todos os indivíduos onde começam a despontar os primeiros raios da razão humana, levantarem os braços e pedirem luz; a luz da instrucção que a sociedade lhes negou, quando devia dar-lh'a; mas ainda hoje, repito, no seculo a que chamam das luzes, se estendermos a vista por todo o nosso pequenino Portugal, o que vemos? Sem irmos tão longe: analysemos o quadro sombrio e repellente que nos offerecem as casas d'escola d'este concelho, e teremos reconhecido o que vae por todo o reino.

O primeiro impulso, promovendo mo desenvolvimento da instrucção popular, foi dado pelo nosso sapientissimo rei D. Diniz. — Fez o que pôde para aquele tempo.

Estacionario esse impulso por mais de cento e cincoenta anos, coube ao coração d'uma rainha prosseguir na senda encetada. Essa santa e piedosa senhora, vendo em Evora suppliciar seu primo, o duque

de Bragança; vendo seu irmão, o duque de Vizeu, apunhalado pelo proprio rei, marido d'ella; e vendo morrer desastradamente seu unico filho, taes sentimentos de caridade se lhe incutiram no coração dilacerado, que todo o resto da sua vida foi empregado por ella na fundação d'escolas para os orphãos e desamparados e de hospitaes e misericordias para abrigo da miseria, que ainda haje ahi estão attestando ao mundo inteiro os sentimentos humanitarios da excelsa mulher do Principe Perfeito. estes exemplos, porém, encontraram poucos imitadores.

Os homens que a fortuna ou a intelligencia elevam ás eminencias do poder, depressa esquecem o caminho que trilharam, e que devem a posição aos carunchosos bancos da escola primaria.

Para escolas superiores legislam e fazem construir sumptuosos palacios, para as escolas secundarias exigem e ordenam o pagamento de toda a despeza para que não falte; para a escola primaria, não se envergonham que ella funcione em antros infectos, onde periga até a vida das pobres creanças e do martyr do professor!

E como se tudo isso fosse pouco, vemos para vergonha nossa estampado n'uma lei promulgada por um ministro que fôra professor primario, que este funcionario teria ordenado de 100\$000 reis annuaes ou 273 reis por dia! Não será isto o cumulo do escarneo, e uma tentativa para abolir a instrucção do povo?

Mas eu não venho fazer censuras a ninguém. O meu fim é muito outro. — O meu fim é patentear ao benemerito fundador d'esta casa o meu eterno reconhecimento. E para isso aproveito a occasião para dar esta publica e grandiosa lição aos alumnos presentes, de que devemos ser gratos e eternamente reconhecidos a nossos bemfeitores e amigos e que o nobre Visconde de S. Bento é o nosso maior amigo, pois que, apesar d'elevado á dignidade de Visconde pelos seus incontestaveis merecimentos, nunca se esqueceu que foi, como vós, pequenino.

A boa vontade, e assiduo trabalho do nosso exemplarissimo Abbade tambem se torna digno da nossa admiração. Hoje que a abnegação é tão rara entre os homens, assombra-nos a intensidade com que brilha n'aquelle vulto venerando.

Venturoso que logra possuir em seu seio almas como a do Visconde de S. Bento e a do Abbade Pedrosa.

E venturosos esses homens que pódem julgar-se senhores de todos os corações.

Meus meninos! — Em outra occasião, como mestre, tenho a auctoridade de vos mandar. Hoje não devo fazer uso d'ella. Quero servir-me d'outra mais adequada ao acto que praticamos. Por isso que todos somos igualmente reconhecidos para com aquelle nobilissimo bem-feitor, quero pedir-vos que nunca esqueçaes o dia 3 de janeiro de 1886; dia em que o vosso maior amigo vos fez o maior dos favores.

Pedi todos os dias a Deus se digne conservar por muitos annos a preciosa vida do nobre Visconde a quem esta terra deve os seus mais importantes melhoramentos.

Não vos peço muito, mas queria que m'o fizesseis. Prometteis fazel-o? (*Vozes das creanças — Promette-mos*). — E creio aue não faltareis porque o coração dos meninos é sempre sincero. — Pois então dizei comigo: — Viva o nobre Visconde de S. Bento! (*Viva!*) O maior amigo dos meninos! (*Viva!*) O pae dos infelizes e desgraçados! (*Viva!*) E viva o snr. Abbade Pedrosa que talvez considere este dia o mais feliz da sua vida, por ver brilhantemente coroado o sacrificio que tem feito! (*Viva!*)

Disse.

Passou-se para a sala da aula das meninas, e apenas o snr. Visconde alli entrou, rompeu o hymno executado pela sua banda, acabado o qual lhe foi offerecido um fresco e bello *bouquett* pela menina Christina Maria Cardoso Santarem, pronunciando esta allocução:

N'este dia tão solemne em que temos a subida honra de vir perante V. Ex.^a apresentar as nossas homenagens pelos altos beneficios que V. Ex.^a tão prodigamente nos tem dispensado, bem quizeramos todas, significar o nosso reconhecimento por intermedio de numerosissimos *bouquetts*; mas como isso se tornaria assaz incommodo para V. Ex.^a, resolvemos, ser eu a interprete dos sentimentos das minhas collegas, offerecendo ao nobre Visconde, em nome de todas ellas estas pobrisimas flores. São deficientes, bem o sei, para exprimir

tanto jubilo e gratidão, porém arraigados em nosso peito ficam as flores d'alma que são as que tudo dizem.

Santo Thyrso, 3 de janeiro de 1886.

As alumnas da escola publica de Santo Thyrso

A menina Zulmira Monteiro Telles da Cunha recitou a poesia que segue, offerecendo ambas exemplares d'uma e d'outra, endereçados com fitas das cores nacionaes e brasileiras:

*Embora os gêlos nos jardins mimosos
Cubram a terra d'alvejante véu,
Queimando as plantas que formosas vinham,
Erguendo as frentes a mirar o céu.*

*Embora ainda quando soes ardentes
Crestem as flores a mimosa côr;
Desfolhem lyrios, emmurcheçam rosas,
Perca a açucena seu brilhante alvôr.*

*Embora ainda quando eu quero flores
De inverno mesmo no maior rigor,
Encontro-as sempre: são as flores d'alma
Viçosas, lindas, no aroma e cor.*

*As flores d'alma que Thomaz Ribeiro
Nos diz em phrases d'immortal magia,
Serem mais bellas do que as proprias rosas,
Terem mais graça, terem mais poesia.*

*As flores d'alma são os sentimentos
Nobres e puros que do céu vieram,
São os affectos da mais fina essencia,
São os amores que nos cá trouxeram.*

*E é por isso que nós vimos hoje
Offerer-lhe, sem dizermos quaes
Eis o canteiro: E' nossa alma, escolha,
Escolha as flores que lhe agradem mais.*

Uma das manifestações mais commoventes de toda a festa foi o hymno, cuja musica é do snr. Castilho, e a letra de Manoel Flores, intelligente e distincto cultor das letras; produziu um effeito entantador.

Nada ha mais sentimental do que a voz da creança! Imaginem-se mais de 200 vozes com os seus timbres especiaes, pacientemente ensaiados pelo distincto maestro Castilho, entoando um unisono cheio de vida,

de força e de alegria, pois que é impressão que senão póde descrever.

Os meninos Abel da Costa Leite, Manoel Maria de Castro e Domingos Moreira da Silva e as meninas Zulmira Monteiro Telles da Cunha, Maria Guimarães e Theodora da Silva, entoavam alternadamente as mimosas quadras, respondendo-lhe n'essa energia que fazia bem as restantes vozes.

Leu-se o auto de inauguração, que foi assignado pelo snr. Visconde, pela camara, juiz de direito, delegado, administrador do concelho, junta de parochia, inspector e muitas das pessoas presentes, levantando-se por essa ocasião vivas ao snr. Visconde, ao digno abbade d'esta villa, ao povo de Santo Thyrsos e á junta de parochia.

Seguido pelas tres bandas de musica, auctoridades e alumnos, e muitas pessoas foi acompanhado o snr. Visconde até sua casa, levantando-se vivas a s. ex.^a, á camara, á junta de parochia, ao snr. administrador do concelho e juiz e delegado do concelho e juiz e delegado do procurador regio.

Ao passar o prestito de fronte da casa do pae do rev. abbade foram levantados entusiasticos vivas a toda a

sua familia e a elle, que tantos e tão relevantes serviços prestou em favor d'esta festa.

A' noite houve illuminação geral, percorrendo pelas ruas as diferentes bandas de musica, reinando animação até horas adiantadas da noite.

O edificio da escola ostentava-se brilhantemente illuminado, desenhando-se as linhas que o formam innumerous lumes que lhe davam um aspecto festival.

A illuminação foi habilmente dirigida pelo snr. José Augusto de Souza Oliveira, digno ajudante do conservador d'esta camara.

Subiram ao ar mitos balões, que causavam a alegria do povo, que assistia contente a estas manifestações sinceras de regosijo.

O club Thyrsense abriu as suas salas e offereceu ao snr. Visconde um esplendido baile, profusamente serviço, que durou até perto das 4 horas da manhã.

Eis como esta villa soube comprehender as nobres acções do seu benemerito protector; até nem os desgraçados foram esquecidos. Houve alguém que se lembrou dos que estavam sob ferros, e n'este dia tiveram a visital-os um jantar obscuro, mas offerecido com a lembrança no bem fazer.

Custodia de prata — coincidência notavel

Foi adquirida pelo snr. padre joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, muito digno abbade d'esta villa, uma rica custodia de prata para a confraria do Santissimo Sacramento, de que o mesmo é actual juiz.

Depois de comprada numa ourivesaria do Porto, soube-se que ella tinha pertencido no tempo dos frades á egreja de Santo Thyrso, dando-se a notavel coincidência de tornar a vir, depois de passado mais de meio seculo, para o mesmo templo para que tinha sido feita.

Quando este objecto chegou aqui, sendo apresentado ao snr. José Agrinha, que foi moço da sacristia

antes da extincção das ordens religiosas, este exclamou cheio de alegria:

— Apesar de terem decorrido mais de 50 annos sem a ver, havia de jurar, que se exigissem um juramento, que era esta mesma a nossa custodia.

Este homem, que está no resto do inverno da vida, fallava a verdade; a sua vista e a sua memoria não o enganavam.

Presume-se que a referida custodia feita de proposito para a egreja d'esta freguezia; porque os seus ornatos estão em symetria com os do templo; a prata vale 112\$000 reis, porém o seu verdadeito valor é muito maior, attendendo ao trabalho artistico que tem e á sua antiguidade.

João Pedrosa

Apenas correu voz n'esta villa que tinha fallecido João Pedrosa, todos foram tomados d'um amargo sobresalto e a descença da noticia antecedeu, como sempre acontece, como consolação dos que não querem acreditar na bruteza da realidade das cousas.

De repente viram, os que sabem comprehender as desgraças alheias, viram o coração da mãe, amantissima como todas as mães, apunhalado de subito; a alma aberta, franca, leal e superior do pae dedicadissimo, esmagado sob o peso d'esta realidade negra; viram as irmãs, modelos de amor fraterno, na excitação da sua sensibilidade debil, pranteando um irmão querido, que ainda ha pouco, estreitado n'um convulso abraço, o saudavam risonhas no regresso á patria querida, e porque sobre todo este quadro pairava como anjo do lar, o irmão, o abbade, que pleno de paixão que lhe revolteava a alma, mas consolado com a crença pura, espalhava lenitivos, enxugava lagrimas, e dando exemplo de resignação, conseguia por vezes não fazer esquecer a dôr, o que é impossivel, mas minoral-a.

E' grato aos que avaliam as manifestações da vida publica pelas da vida particular, verificar o valor affectivo d'esta familia; que não eram necessarias demonstrações do seu mutuo affecto, bastava reparar para a physionomia pacifica e bondosa, insinuante e tranquillizadora do seu chefe, que no avançado da idade ainda não quiz descançar!

Estas demonstrações brotaram espontaneas agora que todos presenciaram o carinho, o affecto, o disvelo, o amor com que foram ainda a distancia, como que agasalhar, como que aquecer, como que a proteger, como que abraçar o cadaver do filho e do irmão que a morte sem mais nem menos lhes roubou.

Morreu cedo João Pedrosa para ter uma biographia, nem sequer pretendemos esboçar os principaes traços

da sua vida; a magua não deixa senão explodir em emmoções que não estereotypar factos para os quaes é preciso frieza de animo, que não tenis n'esta occasião.

Muito de proposito nem fallamos ainda na afflicção que assaltou descaravel áquella que por pouco de noiva se transformaria a estas horas em viuva, e na dôr intensa dos amigos que lhe queriam como companheiro jovial e engraçado!

Descança, companheiro gentil! Se de repente viste escurecidos, abumbrados os horisontos de felicidade que se dealbavam na tua imaginação irrequieta, foste feliz, porque te não viste no mundo sósinho e falto e pobre de amor, da amizade, da estima, da consideração quer de teus paes, quer da mulher dos teus sonhos, quer dos teus irmãos, quer dos teus amigos.

Necrologia

No momento em que as aspirações mais santas e justificadas do homem parecem realisadas, e quando este, ao cabo de longas fadigas, se prepara para colher o fructo sazonado do seu aturado e por tantas vezes infructuoso labor, é então principalmente que a realidade o detem, embargando-lhe o passo, e, mostrando-lhe a descoberto o abysmo, o faz descrês da estabilidade da ventura n'esta vida.

E que é o gozo terreno, se não a brisa candente, que no perfume embalsamado do seu frescôr encobre a nuvem esbraseada, d'onde prestes se desencadêa o furacão procelloso, que nos vem triturar um por um os élos, que mais nos prendem á vida, roubando-nos a presença adoravel d'um ente querido, que n'um momento vemos resvalar para sempre na voragem do abysmo!

Está de lucto a família do respeitavel facultativo do partido medico da municipalidade de Santo Thyrsó, o snr. dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa.

João Baptista da Fonseca Pedrosa, no melhor tempo da vida, quando risonho lhe despontava apenas um porvir de rosas, baqueou, qual roble frondente em toda a pujança do viço, no pelago insondavel do infinito.

Character bondoso, lhano no traço e sympathico pela accesibilidade de suas maneiras distinctas e francas, o illustre extincto soubera exuberantemente grangear o affecto de innumeraveis amigos, a quem legou vivissima saude.

Espirito esclarecido e devotado ao trabalho, exercia proficua e dignamente o importantissimo e laborioso cargo de director da pharmacia do hospital da Santa Casa da Misericordia do Porto.

E longe dos seus, que o estremeciam, e no momento em que estes o imaginavam em pleno vigor de saude, la exhalou o ultimo alento o mallogrado moço, que ainda no dia 16 do corrente pelas 7 horas da tarde conversava com alguns amigos n'aquella cidade á porta do estabelecimento que dirigia, quando n'essa mesma hora fatal foi de subito surpreendido por uma congestão pulmonar, que o prostrou instantaneamente!

Deus, que é bom, e que nos seus imperscrutaveis destinos lhe cortou assim os liames, que o prendiam a esta vida ephemera, transportando-o á vidae real, se amerceraá da sua alma; e a seus virtuosos paes e irmãos, já que lhe aprouve fazel-os passar por tão dura prova, lhes dará tambem a resignação adequada á gravidade da dôr.

Que o illustrado clinico, no excesso do seu amor paternal amesquinhado pela violencia, de tão pungente angustia, não olvide que precisa de viver ainda para a familia querida, que o ama com o mais encendrado affecto; e que o desalento lhe não mine a coragem precisa para debellar a enormidade da sua justissima afflicção. Confiamos na sua crença, alentada pelo amor da familia e excitada ainda pelos sentimentos de purissima e justificadissima afflicção que certamente lhe dedica, cremol-o, o concelho inteiro, que hoje, amargurado por tão infausto acontecimento, acompanha o medico distincto da sua acerba dôr.

A s. ex.^a, a quem consagramos o maior respeito e admiração, ao dignissimo abbade de Santo Thyrsó e a toda a ex.^{ma} familia do finado a expressão cordealissima da nossa condolencia.

Burgães, 19 de setembro de 1887.

A. M.

João Baptista da Fonseca Pedrosa

*«... mas a mão da Providencia
Tem garras para mim, rouba-me os filhos.»*

G. B.

Ninguém diria, ha tres dias, que esse pobre rapaz trazia a morte dentro de si; os amigos nem ao menos queriam acreditar que elle tivesse o menor soffrimento. E com tudo, antes de findar o dia, uma notica aterradora correu pela cidade com a velocidade do raio! Em menos de uma hora se ouviu por todas as ruas, por todas as praças, por todas as travessas, essa infernal palavra — morreu! — e em todos os centros, em todos os pontos de reunião, era assumpto obrigado a morte do Pedrosa, esse bello rapaz, folgazão e alegre, cheio de vida, e com um futuro brilhante deante de si.

O Porto (e que ao menos isto sirva de lenitivo á familia do desventurado moço) chorou amargamente a morte de João Pedrosa, como chora uma pessoas de familia; em todos os rostos se viam deslizar lagrimas de verdadeira dôr, porque João Pedrosa [era muito estimado], e cada amigo o olhava como um irmão.

João Baptista da Fonseca Pedrosa deixou amigos em todas as classes da sociedade; agora se via rodeado dos filhos do povo, a quem fallava e a quem servia com uma dedicação inexcédível, para d'ahi a pouco se reunir ao sangue azul, entrando nos salões da nossa primeira sociedade, onde era tão estimado e querido como se lhe corresse nas veias o sangue de pura fidalguia. Hoje prestava um serviço ao fidalgo, o que não acontecia poucas vezes, para amanhã exigir a este um favor para o operario, para o pobre, a quem constantemente soccorria, João Pedrosa andava constantemente em serviço dos outros, por duas razões muito simples: a primeira porque a sua bella alma o impellia a fazer bem

ao proximo; a segunda, porque, estando muito relacionado, nunca era em vão que se recorria ao seu auxilio.

Pouco tempo antes de fallecer prestara elle um serviço a um amigo bem digno de ser aqui relatado, embora com alguma reserva.

Mas tinha relações, mais ou menos intimas, com um cavalheiro que occupava um cargo muito elevado, e tão ellezado que apenas tinha superior a elle, n'aquella carreira, um unico homem, alem do ministro respectivo. Um dia, o referido cavalheiro dera uma ordem qualquer, no exercicio e dentro dos limites das suas attribuições, ordem que não foi bem vista, embora justa, e algumas influencias politicas fizeram que o superior a revogasse, ordenando o contrario.

Aquelle, ferido na sua dignidade e na justiça que lhe assistia, não obedece e é accusado do ministro, accusação que lhe acarretava, pelo menos, a suspensão e uma nota no *livro negro*, onde só são registados os mais pequenos. Lamentando a sua sorte e commentando o facto deante de João Pedrosa, este levanta-se, bate-lhe no hombro, e diz: — *Não ha perigo; esteja descansado, porque eu vou já remediar isso, e conto fazer alguma cousa.* —

Poucos dias depois reuniram-se os dois, e João Pedrosa diz para o amigo: — *está tudo arranjado; recebi uma carta, que aqui tenho, em que me dizem estar satisfeito o meu pedido.* —

Já sei, respondeu o amigo; *hoje mesmo recebi um officio do ministro em que me manda sustentar o que tinha ordenado, e louvando o meu procedimento.* —

João Pedrosa viu que duas legrimas de contentamento banhavam as faces rugadas do seu amigo, humedecendo os cabellos brancos que as cobriam, e retirou-se para não receber os agradecimentos d'aquelle a quem tão briosamente salvara d'uma patifaria.

E como este facto muitos poderíamos mencionar, provando a bella alma e generoso coração do malogrado moço, o que lhe grangeou uma popularidade invejavel e tão valiosas relações; mas uma dôr intensa opprime-nos o coração, e a penna não escreve; além d'isso um exemplo só basta para pôr em relevo quem era João Pedrosa, e prova o que valia a sua influencia.

No exercicio das funções do seu cargo era exemplar; os seus superiores respeitavam-no e confiavam no seu zelo, na sua intelligência e no seu character probo e

honrado. Era um empregado modelo, e por algumas vezes foi isso demonstrado publicamente. As actas das sessões da meza da misericórdia do Porto fallam mais alto do que nós.

Conhecido em toda a parte, era querido de todos, e os seus amigos curvam-se hoje perante a sepultura d'aquelle a quem estimaram, exclamando como poeta:

*... mas a mão da Providencia
Tem garras para mim ...*

Porto, 19 de Setembro de 1887.

L.

Necrologia

É sob o desanimo que causa a morte subita e inesperada d'um ente estremecido, que eu tento coordenar algumas idéas embaralhadas no meu cerebro.

Não venho fazer a apologia do morto porque sei que as minhas palavras não dão o realce que exigem as qualidades caracteristicas d'aquelle que jaz prostrado para mais se não erguer.

Mas quero, se não é irezia, queixar-me da morte implacavel que roubou á sociedade um cidadão pres-tante e dedicado, aos amigos um amigo leal, e á familia um ente querido e estremecido que era o enlevo dos seus.

Deus! ? Quando penso que aquellas mãos que tantas vezes apertei quentes, porque eram leaes, agora são geladas, que aquelles olhos ardentes que eram uma expressão verdadeira da nobreza da sua alma, agora são sem brilho, que aquelle corpo prompto para acudir á primeira chamada, agora é insensivel... perdôa-me Senhor, mas julgo improprio da vossa bondade permittires um tal delicto.

E tu morte cruel, se conseguiste lançar á mansão terrena o corpo inanimado do meu amigo, não me roubarás da memoria o seu nome e da vista a sua imagem, sem primeiro me reduzires a cadaver como elle.

ALFREDO COELHO.

2, 8, 88.

Âncora

Meu ex.^{mo} amigo

Estou entregue das suas duas cartas e creia que me não incomodam absolutamente nada as perguntas que possa fazer-me, por mais repetidas que sejam. Pelo contrário. O que sentirei é não poder satisfazer a elas, como desejava. Eu trabalho numa vinha muito diferente da epigrafia, e só casualmente presto atenção a este ramo de estudos de que apenas conheço o A B C. Mas vamos ao que interessa.

§. Miliários

O primeiro miliário publicado na «Revista de Guimarães» contém realmente duas inscrições ⁽¹⁾, e assim pensa o Pinheiro, segundo uma comunicação que me fez em carta. Não creio porém que se possa arranjar cópia melhor; nem o grande calhau pode vir para Guimarães. O miliário é o mesmo de que o Borges de Figueiredo publicou algumas letras na sua «Revista Archeologica». Este senhor, que foi expressamente em comissão do governo examinar as descobertas da exploração, tratou-as na sua «Revista» com um desdém singular ⁽²⁾. Como epigrafista, deveria ir adiante do Pinheiro, que nem o é, nem se dá por tal, mas a verdade é que ficou atrás dele.

Quanto ao outro padrão, já no princípio disse ao Pinheiro que o XV da 3.^a linha era absurdo, e que visse se lá estaria XIV. Teimou sempre que o XV é coisa certa. A indicação das milhas e do ponto de partida — Bracara — seria um bom achado, e para esse ponto já lhe chamei toda a atenção. Nada. Pedi-lhe agora um decalque da inscrição e, se ela vier em termos, remetê-la-ei ⁽³⁾.

§. Estava há tempos para lhe falar noutros miliários, mas esperava cópia de um deles. Como vai tardando, farei algumas observações, mandando a cópia logo que ela chegue. Trata-se de 2 miliários da «Ponte da Trofa», de um dos quais V. EX.^a deu a epígrafe no «Corpus», aludindo a eles já nas «Notícias Archeologicas de Portugal». Diz V. Ex.^a, neste último escrito, que debalde os procurou na «Barca da Trofa»; o Soromenho ⁽⁴⁾ *corrige* em nota que estavam na «Ponte da Trofa». A Ponte da Trofa e a Barca da Trofa são um e o mesmo sítio ⁽⁵⁾, e nem V. Ex.^a nem o Soromenho podiam lá ver os padrões, porque eles nunca lá estiveram. Como se diz vulgarmente, o Soromenho ouviu cantar o galo sem saber onde. Os miliários apareceram ao demolir uma ponte sobre um afluente do Ave chamado Sedões, e que fica a coisa de 3 quilómetros da Ponte da Trofa, para o lado do Porto. Como o sítio onde eles apareceram também se chama Trofa (nome muito vulgarizado no concelho

de Santo Tirso), e apareceram numa ponte, daqui a confusão em que laborava o Soromenho, imaginando-os na Ponte da Trofa. Quem me contou todas estas particularidades foi o engenheiro que descobriu os padrões e os mandou colocar à beira da estrada, e não o conde de Lucotte, como escreve o Soromenho. Como de um dos miliários não havia ainda publicada a inscrição, pedi ao abade de Santo Tirso que ma tirasse e ma remetesse. Sucedeu-lhe, porém, o que tinha sucedido a V. Ex.^a na Ponte da Trofa: procurou debalde os calhaus. Sabidas as coisas descobriu-se que um proprietário das vizinhanças os tinha levado para sua casa, como se eles fossem *res nullius*. Felizmente as letras não foram picadas. O abade comprou os miliários roubados e não me mandou a cópia pedida, por ter tido desgostos de família que lhe não permitem entregar-se a estas ocupações. Logo que me a mande, lá irá ter ⁽⁶⁾ (...)

De V. Ex.^a
m.^{to} at.^o e grato

F. Martins Sarmiento.

Declaração

Em os numeros 33 e 34 do *Radical*, semanario republicano que se publica na cidade do Porto, veem insertas duas correspondencias de Santo Thyrsó, em menoscabo do digno abbade d'esta freguezia; e como não ha ahí um nome a subscrever o insulto, muito teem sido indigitados como authores d'essas despressivas affrontas e entre elles o signatario d'esta.

Sem temer um desmentido, declaro bem alto, com toda a sinceridade de que sou capaz, que nem directa

nem indirectamente contribui para a inserção de taes correspondencias, desejando vivamente que o honesto presbytero, a quem tributo o maximo respoeito e a quem devo bem justas considerações, faça toda a luz sobre a verdade inteira, para que vá a pedra a quem toca.

Santo Thyrsó, 24 de outubro de 1888.

João Joaquim da Cunha.

Inauguração do busto no edificio escolar — Distribuição de premios

Está paga uma parte da grande divida de gratidão do povo de Santo Thyrso para com o Conde de S. Bento. Foi solememente inaugurado na quinta feira da semana passada o busto d'este benemerito titular, que deixou após si uma luminosa esteira de beneficencia, dotando e engrandecendo esta villa com um magnifico edificio escolar, no qual foi collocado o mesmo busto como a rematar e a coroar essa esplendida obra.

E' extraordinario ver erigir padrões de gloria a immortalisar cidadãos prestimosos e benemeritos cidadãos prestimosos e benemeritos durante sua vida, porque elles ordinariamente só dão largas á sua generosidade e abnegação, demonstrando a sua benemerencia, quando a morte os despoja de seus bens, e lhes deixa unicamente livre o direito de dispôr d'elles; porém não succede isto com o ex.^{mo} Conde de S. Bento. Dotado de muito amor á instrucção publica, de acrysolados sentimentos práticos e de abnegação, s. ex.^a é um incansável obreiro da beneficencia; porque, apenas levanta um templo para a instrucção, trata logo de edificar outro para a caridade, e quem sabe o mais que elle fará, se a divina Providencia conservar a sua preciosa vida.

Antes de se desencerrar o busto o snr. padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, muito digno abbade d'esta villa, fez um breve mas eloquente discurso, e, pondo em relêvo as nobilissimas qualidades do illustre Conde de S. Bento, demonstrou que os habitantes de Santo Thyrso, patenteando-lhe assim a sua gratidão, não faziam mais do que pagar uma parcella d'uma grande divida, cujos titulos mais importantes são a escola e o hospital. Alludindo á distribuição dos premios dirigiu palavras encômias ao fundador e director d'este jornal.

Desencerrou o busto uma formosa creança, vestida de branco e azul, estando presentes o benemerito Conde de S. Bento, e seu ex.^{mo} sobrinho José Luiz d'Andrade; o snr. dr. Antonio Augusto Soares Rodrigues Ferreira, administrador d'este concelho; os snrs. Bernardino da Costa e Sá e Antonio Joaquim Cardoso de Miranda, vice-presidente e vereador da camara d'este concelho; João Augusto de Souza e Joaquim Augusto da Cunha, representando a junta escolar; Miguel Baptista Pinto de Andrade, João Joaquim de Souza Teixeira, Joaquim de Souza Oliveira, Francisco José Telles da Cunha, Ricardo Pereira da Rochha e Aurelio Cezar d'Aguiar Pimenta Carneiro, representando a Santa Casa da Misericordia d'esta villa; Joaquim Corrêa da Silva, representando a junta de parochia; muitas senhoras, alumnos e alumnas das escolas, acompanhados dos seus professores, bem como muitas outras pessoas.

Ao desencerrar o busto levantaram-se entusiasticos vivas ao ex.^{mo} Conde de S. Bento e em seguida uma banda marcial tocou o hymno de s. ex.^a, e subiram ao ar muitos foguetes.

Entrando depois todas as pessoas que podiam caber dentro do salão nobre e salas contiguas do referido edificio, o snr. dr. Eduardo da Costa Macedo, recitou de tal fórma uma poesia adequada ao acto, brilhante produção do seu estro poetico, que commoveu e esteve suspenso o numeroso auditorio durante todo o tempo que a recitou, sendo por isso muito aplaudido e elogiado.

*
* *

Realisou-se, depois de concluida a inauguração do busto, a sympathica festa escolar, em que se iam estimular as creanças, para que se applicassem muito

ao estudo, afim de tornarem distinctas como aquellas que iam ser premiadas.

As alumnas e alumnos que frequentam as aulas installadas no referido edificio escolar, quizeram tambem mostrar quanto eram gratas ao illustre Conde de S. Bento.

A menina Adozinda A. Pedrosa Asevedo, neta do sr. dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa, offereceu a sua ex.^a um formoso *bouquet* de violetas, do qual pendiam fitas azues e brancas, tendo esta menina bordado n'uma d'ellas o seu nome e a data. Quando offereceu este *bouquet* proferiu estas palavras:

«Sendo a modestia uma das virtudes que caracteriza V. Ex.^a, certa estou, de que não podia encontrar flôres mais emblematicas do que as humildes e perfumadas violetas, que me orgulho de vir hoje depôr nas respeitaveis e benignas mãos de V. Ex.^a.»

Em seguida a menina Maria Isabel Machado Moraes de Souza, filha do snr. João Augusto de Souza, recitou a primorosa poesia *La Charité*, do notavel escriptor Racine, pronunciando correctamente o francez.

Depois a menina Camilla Castro filha do snr. Francisco da Silva Abreu, tambem recitou muito bem as sublimes phrases que escreveu o distincto escriptor Jules Simon, subordinadas ao titulo *L'école*.

Apenas estas *demoiselles* acabaram de falar saiu do meio das alumnas uma d'ellas, trazendo na mão uma caixinha: era a menina Felisbella Pereira de Castro, filha do snr. Joaquim Pereira de Castro, que vinha em seu nome e de suas collegas offerecer ao nobre titular uma penna de prata. Antes de lh'a entregar recitou a seguinte allocução:

«Não ha ainda muito tempo que foram inventadas, para escrever, as penas de aço, attendendo á sua barateza e á grande difficuldade de aparar bem as de ave, com que antigamente se escrevia.

Foi ainda com uma penna de pato que Camões escreveu as suas imortaes epopêas, e essa penna, se me fosse dado possuil-a, seria a que eu, hoje, cheia de orgulho, offereceria a V. Ex.^a; porque apesar de ser assim modesta na apparencia, era uma penna historica, a penna d'un heroe, uma penna emfim, d'um apreço inexcédível.

Como porem isso se me torna absolutamente impossivel, venho em meu nome e no de todas as minhas collegas, pedir a V. Ex.^a a subida fineza de se dignar aceitar esta penna, simples vulgaridade, cujo merecimento consiste unicamente na muita gratidão que preside á offerenda.

Desculpe-nos V. Ex.^a a demasiada liberdade que tomamos, attendendo ao muito reconhecimento que lhe devemos.»

Apenas acabaram as gratificas manifestações das meninas principiaram ao dos meninos.

O alumno Manoel da Silva Castro, filho do snr. Francisco da Silva Abreu, ao offerecer um lindo estojo de escriptorio, composto de penna, faca de cortar papel e raspadeira, tudo de prata, recitou esta allocução:

«Ex.^{mo} Snr. Conde de S. Bento

Os alumnos da escola que V. Ex.^a dotou com um magnifico e sumptuoso edificio, certamente o primeiro n'este genero em Portugal, não podem deixar passar este fausto dia, sem felicitar o seu nobilissimo Bemfeitor e Benemerito da patria, e fazem votos ao Todo Poderoso, para que lhe conserve a sua preciosa vida por dilatados annos.

Não é a emulação, nem outro qualquer sentimento d'esta natureza, que hoje nos faz tomar a iniciativa para offerecermos a V. Ex.^a este singelissimo estojo. Não. — O sentimento que nos impelle a fazel-o, que nos anima a tomar tal liberdade é mui diverso. E' o conjunto de todos os sentimentos bons e nobres que a nossa alma, cheia de respeito e gratidão, vem n'este dia, tão expontanea e orgulhosamente, patentear a V. Ex.^a, esperando que a sua eximia bondade desculpará a insignificancia da offerta.»

Proceseu-se em seguida á distribuição dos premios creados por este jornal, que foi feita pela fórma seguinte:

Obtiveram o premio *Conde de S. Banto*, que era em duplicado, alumna Felisbella Amalia de Veiga e Castro e o alumno Carlos Alberto Carneiro Guimarães, e o premio *Jornal de Santo Thyrso*, que tambem era em duplicado, a alumna Adosinda Amelia Pedrosa dAsevedo e o alumno José Maria do Valle. Estes quatro premios constavam de bonitos estojos de costura e desenho.

Tambem foram conferidos premios, que consistiam em livrinhos cartonados, aos alumnos Henrique Guilherme Ferreira Botelho, David Passos Guimarães, Manoel Joaquim d'Araujo e Pedro Augusto de Araujo.

O premio *Domingos Ramos*, a que nos referimos no numero anterior, foi conferido ao menino Pedro Ramos de Paiva, filho do snr. Domingos Rodrigues Ramos, muito digno delegado d'esta comarca. Consistiu n'um livro ricamente cartonado e com as folhas douradas e n'uma lapizeira de prata.

Terminada esta tocante cerimonia, houve exercicios gymnasticos no gymnasio da mesma escola, honrando os alumnos que os executaram o seu habil professor Alfredo Marinho, que não se contentou só em dirigil-os, porque no fim tambem trabalhou, com o que mereceu muitos applausos.

A festa finalisou, levantando-se vivas ao ex.^{mo} Conde de S. Bento, aos illustrados professores e ao artista que fez o busto.

Funeral — Missa do setimo dia

Na quinta feira foi o funeral da virtuosissima snr.^a D. Guilhermina Augusta da Fonseca Pedroso, cuja morte prematura noticiamos n'esse dia. O prestito funebre era importante, prestando as pessoas que o formavam uma prova de homenagem posthuma á fallecida e de consideração para com seu pae e irmãos os snrs, dr. Pedrosa e abbade d'esta villa.

O feretro era forrado de setim, e o corpo inanimado da extincta senhora estava ricamente vestido de branco e no meio de flores, como n'um jardim. Tudo symbolisava pureza, e se tornava agradavel para a vista, parecendo até ler-se no rosto da saudosa senhora uma perfeita resignação christã com os insondaveis destinos da Providencia.

Não sabemos com que fim se procura horrorisar mais um cadaver, trocando as roupas por tristes mortaldas e mettendo-o n'um caixão forrado de qualquer tecido preto, ladeado por quatro tochas. Será para que ninguem olhe para elle, ou será hypocrisia, fingindose que o

finado deixou com magua este vale de lagrimas? Deixemo-nos, porem. de divagações.

Pegaram ás fitas do caixão os snrs. Guimarães Camões, Rodrigues Ramos, Oliveira Pacheco, Baptista Coelho, Rodrigues Ferreira e o snr. vice-presidente da camara Cardoso de Miranda.

Atraz do feretro o snr. José Joaquim de Mattos Monteiro levava uma rica corôa de flores brancas, da qual pendiam duas fitas de setim da mesma côr, nas quaes se lia *Saudade da familia*. O snr. João Joaquim de Souza Teixeira levava outra corôa, tambem de flores brancas, com esta dedicatoria — *A minha querida amiga — Saudade eterna — Virginia C. A. Teixeira*.

A igreja estava toda coberta de crepes. O caixão foi collocado n'uma grande eça, que estava na capella-mór, durante o officio, bem como as duas corôas já referidas, e outra de rosas brancas, lendo-se nas fitas: — *Saudade de M. E.*

Fechou o caixão o snr. Monteiro, sendo depois mettido n'outro de chumbo.

Dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa

A morte acaba de cobrir de luto a familia Pedrosa, arrebatando-lhe o seu chefe. Na segunda feira, pelas 11 horas da noite, exhalo o ultimo suspiro o snr. dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa, facultativo aposentado do partido deste concelho, e pae do rev. padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, muito digno abbade d'esta villa.

O saudoso finado era medico pela Escola Medico-Cirurgica do Porto, e foi facultativo distinctissimo, um trabalhador incansavel e um exemplar chefe de familia.

Os ultimos annos passou-os acabrunhado pela profunda magua de ver resvalar para o tumulo a extremosa esposa e dous filhos queridos, aggravando os soffrimentos moraes os physicos a tal ponto, que perdeu a vida sem completar 78 annos de idade.

Era d'uma constituição robusta e tinha uma natureza de ferro; porem uma vida muito laboriosa foi arruinando lentamente aquella forte organisação e o desgosto junto com a doença fizeram-no passar o ultimo quartel da vida, transformando o medico infatigavel n'um ancião alquebrado, mas venerando e respeitavel pelas excellentes qualidades e acrisoladas virtudes que o distinguiram e que seus filhos herdaram.

Prestando hoje aqui a nossa homenagem n'estas singellas linhas ás suas qualidades e virtudes, fazemos um acto de pura justiça.

Paz á sua alma e sentidos pezames á familia enlutada.

Fallecimento — Funeral

Na segunda feira falleceu n'esta villa o snr. dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa, facultativo aposentado do partido d'este concelho.

Como o finado era pae do rev. abbade d'esta villa, um padre illustrado e exemplar, o seu funeral esteve muitissimo concorrido e ao officio de corpo presente assistiram quasi todos os ecclesiasticos d'este concelho.

Pegaram as fitas do caixão quatro collegas do fallecido, os snrs. drs. Arnaldo Baptista Coelho, José Antonio Alves Ferreira de Lemos, Antonio Augusto Soares Rodrigues Ferreira e Antonio José Ferreira. A traz do feretro o seu medico assistente snr. dr. José de Souza Coelho, levava uma rica coroa funeraria da familia com esta dedicatoria: — *A nosso pae*.

O templo estava todo armado de luto, e na capella-mór havia uma grande eça, onde foi collocado o caixão durante o officio.

Ao pano sepultar pegaram os mesmos facultativos que tinham pegado ás fitas do caixão, sendo este fechado pelo snr. dr. Coelho.

— Na proxima segunda feira, 1.º de fevereiro, celebra-se uma missa por alma do finado na egreja d'esta villa, como se vê do annuncio que adeante publicamos.

Sanctuario da Senhora d'Assumpção

No monte onde se vae erigir o sanctuario de Nossa Senhora d'Assumpção, que é não só mais um testemunho evidente dos sentimentos religiosos dos habitantes de Santo Thyrsó, mas também um melhoramento importante para esta terra, foram mandadas plantar muitas árvores á custa dos rev.^{os} padre Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, abbade d'esta villa; padre Miguel Ribeiro de Miranda, capellão do hospital e do snr. Manoel Eduardo de Souza, bem conceituado commerciante desta villa.

É provavel que outras pessoas sigam o seu louvavel exemplo.

Arborisando-se aquelle monte, no qual as arvores se desenvolvem admiravelmente, fica com um dos principaes attractivos para ser visitado, explorando-se ao mesmo tempo uma boa fonte de receita para a irmandade que se trata de fundar.

As arvores, além da madeira que nos fornecem e dos fructos que produzem, são muito uteis para a saúde publica. Deliciam-nos a vista, dão-nos uma sombra agradável, e embalsamam o ar com o suave perfume de suas variadas flores.

Que aprazível não será dentro em poucos annos gosar os esplendidos panoramas que d'alli se descobrem

de baixo de tuneis de verdura, ouvindo perto o agradável murmúrio das aguas crystallinas e o suspirar d'uma branda e suave viração que regenera e dá vida?!

A irmandade logo que esteja legalmente erecta do que deve tratar, em primeiro logar e com mais cuidado, é da arborisação.

*

O distinctissimo escultor snr. João d'Affonseca Lapa, de Vila Nova de Gaya, continua a trabalhar na imagem de Nossa Senhora d'Assumpção, que ha de ser mais uma obra primorosa, como todas as que tem sahido da sua muito acreditada officina.

Oxalá que seja muito feliz e que a sua obra seja mais uma gloria para a esculptura nacional.

*

A approvação dos estatutos da nova irmandade de Nossa Senhora d'Assumpção espera-se que seja breve. É muito provavel que no proximo numero já publicaremos o respectivo alvará que os approvou.

O Sanctuario da Senhora d'Assumpção

Realisou-se no passado domingo, no edificio escolar d'esta villa, a segunda reunião da grande commissão central encarregada de dar início á irmandade e sanctuario de N. S. d'Assumpção, no pittoresco e grandioso Monte Cordova suburbios de Santo Thyrso.

Presidiu á sessão o snr. dr. Eduardo da Costa Macedo, um dos mais distinctos e talentosos ornamentos do fôro thyrsense, secretariado pelo snr. Francisco J. Telles da Cunha, muito digno secretario da administração do concelho.

Depois de breves considerações do snr. presidente, que mais uma vez evidenciou o seu caloroso enthusiasmo por uma idéa tão digna de sympathia, e tão sublime, idéa que todos nós devemos perfilhar, não só pelo que ella tem de grande, mas ainda pelos beneficios que da sua exequibilidade resultarão para esta villa, foram nomeadas as seguintes sub commissões:

REVISÃO DO PROJECTO D'ESTATUTOS

Dr. Manuel Pinheiro Guimarães.
Francisco José Telles da Cunha.
José Bento Corrêa.

ESCOLHA DA IMAGEM

P. e Miguel R. de Miranda.
M. Eduardo de Souza.
Ernesto Guimarães.

ARBORISAÇÃO E PLANTA GERAL DO SANCTUÁRIO

Abb. Fonseca Pedrosa.
Dr. Cruz Junior.
Antonio J. C. de Miranda.

ESCOLHA DE TERRENO PARA A ESTRADA E PROMOÇÃO DA MESMA

Dr. Carneiro d'Oliveira Pacheco
Dr. A. A. S. Rodrigues Ferreira.

Adelino M. Faria e Almeida.
Dr. Arnaldo Baptista Coelho.
Joaquim Corrêa de Miranda.
Adriano de Souza Trepá.
A. J. Cardoso de Miranda.

Finda a eleição das subcommissões, o snr. presidente propoz um voto de louvor ao snr. Manoel Eduardo de Souza, o generoso Bemfeitor, pela sua valiosa offerta, e ao proprietario d'este jornal, como iniciador d'esta cruzada. A assemblêa approvou por unanimidade não só esta como todas as propostas apresentadas pelo snr. presidente.

Por ultimo desenvolveu-se que a commissão fosse no proximo domingo ao monte Cordova, para proceder á escolha do local onde se ha de erguer o sanctuario em honra d'Aquella, que é manancial de todo o bem, protectora de nós todos, nosso amparo, nosso refugio, nos momentos angustiosos e atribulados da vida, finalmente, d'Aquella que é rainha dos anjos e mãe dos homens.

Esta idéa, como pensamento religioso, não carece de encomios, tão sublime, tão bella, se nos antolha. N'este fim de seculo, tão notavel pela impiedade e descrença, que sem reboço se patenteia por todas as fórmulas, quer no livro e no jornal, quer na palestra e na polemica, é facto digno de registar-se este generoso e ardente impulso, que anima todos os habitantes da ridente villa de Santo Thyrso, na consecução da sublime e piedosa idéa do sanctuario da Virgem d'Assumpção. Tão formoso pensamento não pôde deixar de converter-se n'uma realidade deslumbrante; fructificará muito em breve e não lhe faltará o divino influxo da Virgem d'Assumpção.

O sanctuario da Senhora d'Assumpção

A convite dos iniciadores d'este sanctuario, que se vae principiar no monte fronteiro a esta villa, reuniram-se no domingo muitos thyrssenses no edificio dos paços d'este concelho, a fim de se discutir e approvar o projecto dos estatutos para a irmandade de Nossa Senhora d'Assumpção, e eleger a commissão executiva, que trate da constituição da mesma irmandade, bem como a grande commissão central, encarregada de adquirir os meios para se dar principio ao projectado sanctuario e promover que elle se principie o mais breve possivel.

Presidiu á sessão o distincto advogado snr. dr. Eduardo da Costa Macedo, secretariado pelo rev. padre Miguel Ribeiro de Miranda, muito digno capellão da Santa Casa da Misericórdia, e pelo snr. Adriano de Souza Trepa, tambem muito digno secretario da camara municipal.

O snr. presidente, depois de expor á assemblêa, por uma fôrma brilhante e correctissima, o fim da reunião, teceu rasgados elogios á idéa de se principiar o sanctuario de Nossa Senhora d'Assumpção, idéa que tanto tem germinado e ha de produzir o desejado fructo, bem como ao generoso primeiro bemfeitor d'este sanctuario, que deseja dar só elle a imagem de Nossa Senhora; em seguida fallou entusiasticamente sobre o mesmo sanctuario, havendo no seu discurso admiraveis rasgos de eloquência, e demonstrou evidentemente que os prejudiciaes á idéa de se dar principio a tão importante melhoramento eram só os indifferentes.

Os oppostos a esta idéa, aquelles que dizem mal da mesma, e affirmam propheticamente que ella não passa d'uma utopia, esses — disse o orador — «são muito uteis e até necessarios para produzir a reacção e mais afervorar o enthusiasmo d'aquelles que promovem a sua realisação.»

Em seguida procedeu-se á leitura dos estatutos da nova irmandade, os quaes foram approvados.

Depois elegeu-se a grande commissão central, que ficou composta de muitas pessoas, entre as quaes figuram as mais gradas d'esta terra.

Já annuiram a fazer parte d'esta commissão os snrs.: abbade Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, padre Miguel Ribeiro de Miranda, dr. Eduardo da Costa Macedo, Antonio Joaquim de Campos Miranda, Adriano de Souza Trepa, Francisco José Telles da Cunha, João Ferreira Guimarães, Joaquim Gomes Gaspar, Alexandre Arthur d'Andrade, Jorge Corrêa do Amaral, Guilherme da Costa Leite, Alfredo Augusto Corrêa Guimarães, Antonio Augusto de Souza Asevedo, José Maria de Souza Asevedo Junior, Manoel Eduardo de Souza, Ernesto Guimarães e José Bento Corrêa.

Ha probabilidades de que sejam muito poucos os que se recusem a serem membros da commissão.

Consta que esta commissão reúne no proximo domingo para se instalar definitivamente e nomear presidente, vice-presidente, secretario, vice-thesoureiro, e dar principio aos seus trabalhos.

Carta

Do rev.º parcho d'esta villa recebemos a seguinte carta cuja publicidade nos pede:

Snr. Ernesto Guimarães

Santo Thyrso 9—10—901.

Oenhoradissimo pelas amaveis referencias que V. me faz no seu bello artigo = A villa de Santo Thyrso = do ultimo numero da Semana, agradeço, mas confesso, que V. sacrificou a verdade á amisade, o que não deve ser, e muito principalmente em estudos desta natureza.

A minha parte na reconstrucção do claustro não passou dos meus bons desejos e por isso o meu nome tem de ser riscado do artigo e substituido pelo do Ex.^{mo}

Snr. Bernardino da Costa e Sá, a cuja unica e exclusiva iniciativa se deve esta reconstrucção, assim como as outras dadivas com que foi doada esta Egreja; e saiba mais V. que se a obra se não leva nessa ocuasião a effeito, o desabamento não se faria esperar e d'essa joia architectonica do principio do reinado de Affonso 4.º, não se salvaria uma pedra. É pois de toda a justiça, que ao nome de benemerito doador o Ex.^{mo} Snr. José Luiz d'Andrade se associe outro nome que é o do Ex.^{mo} Snr. Costa e Sá.

Pela inserção d'estas linhas no primeiro numero da Semana muito reconhecido lhe fica o

De V. etc.

Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa

As Festas a S. Bento

Como a idéa foi recebida pelo publico — A imprensa e as festas — O rev. Joaquim Pedrosa presidente da comissão central — Nomeação de comissões — A'vante pelo progredimento do nosso concelho!

Longe de arrefecerem os animos, como succede em quasi todas as coisas, passada a primeira impressão, o entusiasmo pelas projectadas festas a S. Bento de que aqui nos temos occupado, tem crescido e crescerá, mercê da boa vontade de que todos se acham possuidos.

Consola-nos a doce harmonia, a perfeita comunhão d'idéas que vemos para a realisação d'um plano que, a levar-se a cabo, como cremos, irá concorrer poderosamente para o levantamento da nossa terra, e será um poderoso incentivo para aprendermos a trabalhar para futuro, irmãmente unidos como agora nos achamos, em favor do engrandecimento e prosperidade do nosso concelho.

Quantas empresas ahi se podiam levar a cabo, com pequeno sacrificio, se todas as vontades se unissem e obedecessem ao mesmo plano?

Santo Thyrsos que dispõe de magnificos elementos para a realisação de grandiosos empreendimentos, por isso que dentro dos seus muros, e sem necessitar da intervenção d'estranhos, tem gente competentissima, pela sua illustração, gosto artistico, e manifesta aptidão para qualquer empresa que se pretenda levar a cabo — não em subido na escala do progresso, tanto quanto seria para desejar, devido sem duvida alguma á accentuadissima divergencia d'opinões que, nos ultimos tempos principalmente, tem desunido as suas familias.

Agora, que surge a idéa d'um plano que, inquestionavelmente representa um grande beneficio para a nossa terra, e que essa idéa foi acolhida por todos, com entusiasmo e applauso, não deixemos perder a occa-

sião de mostrarmos a nossa vitalidade, concorrendo cada um de nós, e consoante as suas forças o permittam, para o maior esplendor e luzimento das grandiosas festas que se projectam.

A'vante, pois!

Retroceder seria um crime, e se o fizéssemos iríamos accusar com a nossa aridez a falta das nossas aspirações artisticas, do nosso amor aos bons recreios, e sobretudo a falta d'affeição á nossa terra, faltas essa de que nunca os habitantes de Santo Thyrsos poderão ser accusados.

Confiados no brio de todos os thyrsenses, d'esperar é que o grandioso projecto se realise com a maior imponencia, deixando aos nossos hospedes uma impressão duradoura, e que não faça desmerecer as gloriosas tradições do nosso povo.

No ultimo numero do nosso jornal alvitramos a conveniencia que haveria, para o bom exito da nossa causa, em que fôsse convidado para tomar a iniciativa dos grandes festejos o rev.º parcho d'esta villa. Assim convidavamos a imprensa local a associar-se-nos, no caso de concordar com o nosso alvitre, para por nossa vez sollicitarmos de s. ex.ª aquelle obsequio.

A «Semana Thyrsense» accudiu ao nosso appello, com a carta que a seguir publicamos:

«Snr. director e proprietario do «Jornal de Santo Thyrsos».

Tendo acabado de ler o artigo, do seu acreditado jornal, em que se occupa das festas de S. Bento, e concordando plenamente com o alvitre apresentado quanto á presidencia da commissão, a organizar, dos festejos, que v. entendeu, e muito bem, que deve recahir no digno abbade rev.º Joaquim Pedrosa e para que não arrefeça o enthusiasmo

da occasião o que se nota já em todos os habitantes d'esta villa, tomo a liberdade de me dirigir a v. para que conjunctamente, v. ou seu representante, e pessoa nomeada por esta redacção, se dirijam, hoje, ás horas que v. indicar, a casa d'aquelle cavalheiro afim de fazer o convite em nome da imprensa local.

Crêmos d'esta forma poder começar a entrar em terreno pratico, afastando-nos das discussões estereis ou alvitres espaçados pelo character semanal dos nossos jornaes.

Pode v. fazer o uso que entender d'esta, assim como nos reservamos igual direito da publicidade.

De v. etc.
Pela «Semana Thyrsense»

Ernesto Guimarães

A esta carta respondeu immediatamente o nosso presado director, nós seguintes termos:

Ex.^{mo} snr.

Em resposta á carta que v. ex.^a me acaba de dirigir, cumpre-me desde já agradecer-lhe o ter concordado com o alvitre apresentado no numero de hoje do meu jornal.

Com respeito á hora, que v. ex.^a me pede para indicar, afim de os representantes da imprensa local irem fazer o convite ao digno abbade d'esta villa, apraz-me responder-lhe que me é indifferente qualquer. V. ex.^a a indicará e participar-me-ha logo que seja possivel.

Podendo v. ex.^a fazer o uso que entender d'esta, subscrevo-me

De v. ex.^a
att.^o ven.^{or} e obg.^o

José Cardoso Santarem

Santo Thyrsó
23 / 3 / 905,»

Conforme se deixa vêr das cartas ahí publicadas foi o nosso alvitre acceite pela «Semana Thyrsense», e assim resolveu-se que os snrs. Ernesto Guimarães e José Cardoso Santarem, respectivamente representantes da «Semana Thyrsense» e «Jornal de Santo Thyrsó» procurassem na tarde de quinta feira e para o fim indicado, o rev.^o Joaquim Pedrosa.

Exposto pelos representantes da imprensa ao virtuoso e illustrado sacerdote, o motivo que ali os levava, s. ex.^a accedeu benevolmente ao pedido feito, mani-

festando a melhor das vontades porque tão generosa idea frutificasse, e compromettendo-se, por sua parte, a empregar todos os seus esforços n'aquelle sentido.

Foi este, sem duvida, um grande passo dado para pôr a bom caminho nosso empreendimento, porque o rev.^o parocho d'esta villa, pela illustração, sympathia e estima que lhe dedicam todos os thysenses, e acrysolado amôr que consagrada á sua terra é competetissimo para promover tudo quanto se relacione com o engrandecimento dos festejos que se pretendem realizar.

Satisfeitissimos, como de resto todos thysenses ficaram, com a acquiescencia de s. ex.^a ao nosso pedido, cumpre-nos agradecer penhoradissimos as maneiras attenciosas e captivantes com que s. ex.^a nos recebeu, e que em extremo nos penhoraram.

Uma vez acceite pelo rev. parocho Joaquim Pedrosa o cargo de tomar a iniciativa, convidou s. ex.^a para uma reunião em sua casa, e para o fim indicado, os snrs.: dr. Antonio Augusto Soares Rodrigues Ferreira, Francisco José Telles da Cunha, dr. José Antonio Alves Ferreira de Lemos Junior, José Alves da Cunha, dr. Antonio Carneiro d'Oliveira Pacheco, Joaquim Corrêa de Miranda Junior, dr. José Joaquim de Moraes Miranda, Virgilio Coelho Andrade, Antonio Augusto Andrade da Fonseca e Castro, Guilherme da Costa Leite, Adriano Trepá, José Pereira de Faria, José Corrêa do Amaral, Ernesto Guimarães, José Cardoso Santarem, faltando outros cavalheiros por motivo justificado.

Essa reunião verificou-se no sabbado ultimo, manifestando todos os assistentes os melhores desejos de verem realizadas as projectadas festas.

Foram apresentados differentes alvitres, que não publicamos por ainda não terem approvação definitiva, e por ultimo accoudou-se em que fosse nomeada uma commissão executiva, encarregada de estudar o assumpto.

Essa commissão ficou composta dos seguintes cavalheiros:

Presidente, o rev. parocho Joaquim Pedrosa; vogaes os snrs.: José Pereira de Faria, Virgilio Andrade, Ernesto Guimarães, Guilherme da Costa Leite, Joaquim Miranda Junior, José Cunha, Francisco José Telles da Cunha, e José Cardoso Santarem.

Teve a sua primeira reunião no domingo á noite, tomando entre outras deliberações, a de convidar

differentes cavalheiros d'esta villa para uma reunião que deverá effectuar-se hoje, e na qual se procurará organizar commissões que se encarreguem do trabalho das illuminações nas differentes ruas.

Eis o que, por hoje, podemos informar aos nossos leitores.

E, mais uma vez: nada de tibiezas.

Prosigamos, com affinco, e com boa vontade que desde principio nos animou: a escolha do festejo é acertadissima, e está mesmo nas tradições do nosso povo.

A'vante, pois!

Museu arqueológico

Nos claustros da igreja matriz desta vila encontra-se exposta ao público uma bela colecção de antiguidades, que o virtuoso abade rev. padre Joaquim Anacleto Pedróza conseguiu obter como amante e conhecedor, que é, de tudo que diz respeito à Arqueologia.

Foi uma excelente iniciativa que não podemos deixar de louvar, porque o nosso concelho encerra muitas riquezas relativas a esta arte e que seria desperdício não aproveitar.

O pequeno museu, que irá sendo pouco a pouco enriquecido por novos exemplares, encerra já muito valor, porque possui verdadeiras raridades.

Entre elas citamos:

Machados: de pedra polida, de bronze (idade do bronze) e de ferro «romano».

— Madeira e peixes-fósseis petrificados.

— Fragmentos: de louça romana ornamentada, dum amuleto, de azulejos musárabes e de telha romana (tegula), com pégadas, de animais para evitar o «enguicho», etc.

— Mobiliários fúnebres de cemitérios luso-romanos (último período da pedra polida).

— Brazões antigos e moínhos de pedra primitivos.

— Diversos objectos obsolétos, de cobre, alguns belos exemplares de cristais de rocha, etc., etc.

Enfim, é uma rica colecção, que merece a pena ser visitada.

Abade Pedrosa

Teem sido ferteis, em novas tristissimas, os ultimos numeros deste jornal. Ainda domingo passado nos referiamos ao falecimento da sr.ª D. Maria Joaquina Borges da Cruz, e já hoje nos ocupamos de mais dois factos lamentabilissimos — a morte de Aires de Azevedo e a do venerando paroco desta vila!

Quando, ha oito dias, dissemos que o estado de saude do reverendo Pedrosa era bastante melindroso, havia ainda esperanza de que ele resistisse ao abalo cerebral de que tinha sido victima. Não spunhamos, apesar de ser muito grave o seu estado, que, no dia immediato áquele em que este jornal ia circular, com a noticia da sua enfermidade, ele sucumbiria irremediavelmente — o respeitavel abade de Santo Tirso — tão bondoso e tão honrado que ninguem havia af que não tivesse por ele uma sincera veneração.

Nunca se viu sacerdote mais zeloso no cumprimento dos seus deveres. Toda a gente por isso o respeitava; e como possuia uma alma generosissima, um espirito reflectido e inteligente, sempre cheio de bons conselhos para dar aos que dele se acercavam, o Abade Pedrosa contava em cada paroquiano um verdadeiro amigo.

O Rev.º abade Pedrosa, era das figuras mais notaveis da nossa terra, e atraz de si deixa um rasto de intensa luz, para aqueles tirsenses illustres, que no seu celebros vincam a historia de Santo Tirso.

Foi um archeologo distincto, foi um historiador apaixonado.

Como archeologo, cita-o nas *Religiões da Lusitania*, o grande publicista Leite de Vasconcelos.

Do nosso saudoso Abade Pedrosa foi companheiro em varias investigações o celebre vimaranense Martins Sarmiento, alma da archeologia daquelle concelho a quem legou trabalhos importantes.

Era pois tambem o Rev.º Abade Pedrosa um sabio archeologo para quem com ele viveu de perto.

E pena é que a sua imensa modestia o não deixasse ir mais longe, pois que seu grande material scientifico lhe permitia largos vôos, se á posteridade quizesse legar alguma obra escrita sobre archeologia da nossa terra.

Como historiador não é mais obscuro o nome do grande tirsense que alem de ter ilucidado varios escritores sobre assuntos da sua terra, nos deixou tambem varios monumentos historicos, em granito, a atestar que a historia da terra deve ser bem tratada para não ser nulo o seu inteligente trabalho, e a divulgação das batalhas anunciadas pelos velhos historiadores.

Mas não se perdeu tudo. O Rev.º Abade Pedrosa deixa um museu que não deve em dia algum sair daqui, pois lições primorosas nos lega nesse paciente trabalho, onde se revelam as suas invulgares aptidões para a etnografia tirsense a que só um estudante se dedicaria, com uma intelligencia clara aliada a um grande trabalho, e ao desejo veemente de dar impulso ao progresso da sua querida terra.

Ensinarão-o, e por intermedio do grande tirsense a quem prestamos sincera homenagem, recordemos os seus trabalhos, e estudemo-los para não ficarmos sem a nossa historia tradicional que muito deve ao saudoso morto.

O Abade Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa contava 72 anos de idade, e 46 de exercicio á frente desta paroquia. Quasi todos os nossos conterraneos d'hoje, representando gerações sucessivas, receberam sob a sua inspiração ritual o sacramento do baptismo.

Por isso, eles lhe tributavam um affecto carinhoso e respeitador, a que o bom do nosso Abade sempre correspondia com uma igual ternura e uma bem visivel simpatia.

A missão dum pastor d'almas deve ser toda d'amôr e carinho. Assim o compreendeu, durante toda a sua vida, mantido sob todos aspectos por que se encare n'uma esfera de correcção inalteravel, o venerando paroco de Santo Tirso, que a morte veio agora roubar ao nosso acrisolado affecto, onde sempre haverá um lugar de saudade muito viva para a sua memoria querida.

Endereçamos as nossas condolencias a toda a familia enlutada.

Falecido às 8 e meia horas de segunda-feira, o seu funeral realizou-se na terça-feira pelas 11 horas.

Descrever o que foi esse cortejo funeral que o acompanhou, é-nos impossivel. Era ao mesmo tempo uma manifestação de dôr e uma homenagem de homenagem de admiração, — tal a multidão compacta que o seguia n'um recolhimento silencioso e com a expressão d'um dever que cada um cumpria.

Sem convites, toda uma população de cinco mil almas compareceu a prestar-lhe o seu ultimo tributo de consideração, respeito e veneração.

Além d'esta multidão de pessoas, de todas as condições e categorias sociaes, tomaram parte no lutuoso prestito todas as corporações religiosas e civis. Assim, ali vimos as confrarias da Santa Infancia, Coração de Jesus, do Rosario, Jesus Maria José, Senhor dos Passos, Senhora da Assumpção e Subsigno; as Associações das Filhas de Maria, do Coração de Jesus e do Santissimo Sacramento; a Camara Municipal, a Junta de Freguesia, a Santa Casa da Misericordia, o Monte-pio Tirsense com a sua bandeira envolta em crepes, o Orfeon Tirsense, igualmente com a sua bandeira com crepes, e os Bombeiros Voluntarios, que conduziam a urna funeraria na sua carreta, armada de preto.

Conduzido o feretro por seis eclesiasticos para a carreta funeraria, o lutuoso cortejo poz-se em marcha, presidido pelo rev.^{mo} Vigario da Vara, abade da Santa Cristina, acompanhado de numeroso clero, que durante o trajecto cantou o *Miserere*.

Atraz do feretro seguia o ex.^{mo} sr.dr. Abilio Ribeiro de Miranda, que conduzia a chave do caixão, bem como varios cavalheiros com *bouquets* de flores naturaes e

uma formosissima corôa, dos povos de Friães e outros logares, com a legenda: «Saudade infinda dos habitantes de Friães e visinhos».

Chegado á igreja, que se achava rigorosamente revestida de preto, tendo ao centro uma elegante e bem lançada eça, foi n'ela posto, por outros seis eclesiasticos, o cadaver do saudoso extincto, sendo em seguida cantados os officios funebres por 27 eclesiasticos, presididos pelo mesmo Vigario da Vara, que era acolitado pelos srs. conego Araujo e Vigario da Vara, abade de S. Martinho de Bougado.

O côro, composto de seis eclesiasticos, era dirigido pelo rev. João Gonçalves da Costa.

Terminados os officios, foi cantada a missa de *Requiem* pelo rev. Augusto Gonçalo da Silva, acolitado pelos rev.^{os} padres João Augusto da Silva, e Soares, pároco de Cabeçudos, servindo de mestre de cerimonias os rev.^{os} pároco de Burgães e Palmeira.

Finda a missa, o mesmo celebrante, rev. Augusto Gonçalo, lançou as absolvições finaes, sendo o responso *Clementissime* cantado de joelhos.

Terminadas as absolvições, o rev. Julio Cesar Fernandes, acompanhado dos eclesiasticos presentes, seguiu com o feretro, tendo-se formado novamente o cortejo, para o cemiterio municipal, onde, depois de encerrado em caixão de chumbo, ficou depositado no jazigo da familia Fanzeres.

Não foi sem compunção e dolorosa saudade que ahi lhe depuzemos o ultimo adeus e, comnosco, centenas de pessoas, cujo olhar denunciava bem o sentido pezar que n'esse momento lhes comprimia o coração.

Os *bouquets* tinham os seguintes dizeres:

Um — «Ultima homenagem de gratidão dos seus amiguinhos Maria Antonieta, Délio, José Gabriel e Maria José Santarem».

Outro — Homenagem de veneração e respeito de Beatriz Guimarães».

Outro — «Ultimo adeus dos seus amiguinhos Maria, Rosa, Amelia e Manuel de Sousa Ferreira Guimarães».

Outro — «Saudosa homenagem da familia Artur Morêda».

*

A Camara Municipal, que na sua ultima sessão deliberou lançar na acta um voto de profundo sentimento e que fosse gratuita a licença para ficar depositado em jazigo de familia estranha, foi representada no enterro pelo seu presidente e vice-presidente, srs. Virgilio Coelho d'Andrade e Artur Gonçalves.

*

A Junta de Freguesia achava-se representada pelo seu presidente, sr. Manuel Antonio dos Santos e mais membros.

*

A Santa Casa da Misericordia foi representada pelos seus mesarios, sr.s Carneiro da Costa e Antonio Fontes.

*

Tomaram parte tambem no cortejo os srs. Administrativo do Concelho e Commandante da Guarda.

*

O sr. dr. Gabriel Fanzeres fez-se representar no enterro pelo sr. José Cardoso Santarem, a quem mandou 20 escudos para serem distribuidos pelos pobres, em sufragio do mesmo rev. abade.

*

O sr. Antonio Augusto Corrêa d'Abreu mandou celebrar, no seu oratorio particular, duas missas por alma do mesmo abade Pedrosa.

*

Para custear as despesas do funeral, que todos nós, tirsenses, devemos tomar como uma obrigação muito nossa, visto que nosso era o chorado extincto, formou-se uma comissão de cavalheiros, que breve vae percorrer a freguesia, a fim de obter os meios precisos para tal fim. É d'esperar que todos os tirsenses a recebam com a mais generosa atenção.

Biblioteca Municipal

A proposito desta recente deliberação camararia, que deve ter enchido de jubilo os tirsenses e merecer o mais caloroso e eficiente apoio, recebeu o sr. Presidente da Comissão Administrativa da Camara a seguinte carta:

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Santo Tirso:

Acabo de receber um officio de V. Ex.^a por onde vejo com imensa satisfação que a Camara Municipal, para a qual V. Ex.^a solicita o parco auxilio dos meus reduzidos e apagados volumes publicados.

Permita V. Ex.^a que eu, como bairrista impenitente, louve a Comissão Administrativa a V. Ex.^a superiormente preside pela criação da referida Biblioteca, facto este de largo e profundo alcance para a formação mental das sucessivas gerações futuras de Santo Tirso.

Desde já me coloco incondicionalmente ao dispôr de V. Ex.^a na organização dessa Biblioteca, não só oferecendo os meus poucos volumes publicados, como solicitando dos meus amigos e camaradas das letras, entre os quais tenho o orgulho de contar os mais illustres nomes literarios do país, as suas obras, como ainda, num futuro que eu espero não seja longo, ofereça, para anexar á Biblioteca Municipal, projectada, as minhas colecções de moedas de zoologia e de botanica, cuja maior parte se encontra na casa de meu pai, nessa vila, bem como o respectivo material de mobilia. E já agora seja permitido que eu avenge a ideia da criação dum *Museu regional*, anexo á Biblioteca, que para já, e como inicio, poderá ser formado pelas minhas colecções particulares e pela valiosa colecção arqueologica do falecido illustre Abade Pedrosa, e que se encontra nos Claustros da Igreja.

Por minha parte comprometo-me a completar o mais possivel as minhas colecções, e mesmo depois delas na

posse da Camara eu continuarei a aumentá-las. A resolução de agora da Comissão Administrativa da Camara da minha Terra encheu-me de alegria, pelo muito que valia que representa para o desenvolvimento cultural do meio tirsense e por vir de encontro a uma minha antiga aspiração, bastas vezes publica e particularmente manifestada.

Caso a Camara aceite o meu oferecimento agradecia uma resposta.

Com toda a estima pessoal e subida consideração.

De V. Ex.^a

conter. col. e amigo

a) *Alexandre de Cordova.*

Porto, Abril de 1933.

A generosa attitude do nosso distinto conterraneo é um exemplo a seguir e que, certamente, frutificará.

Com auxilios assim dedicados conseguiremos possuir, a breve trecho, uma biblioteca muito interessante.

Dous, três, meia duzia de volumes oferecidos por cada tirsense que o possa fazer, contribuirão largamente para a realização do objectivo.

Sabemos que teem sido já recebidos na Camara algumas obras de autores do concelho, e que se estão fazendo diligencias para obter dos autores nacionais a oferta das suas obras e da Inspecção das Bibliotecas e Arquivos todas as facilidades e o apoio material de que ela pode dispôr.

Aplaudindo vivamente esta iniciativa, apelamos para todos os amigos do livro e da nossa Terra convidando-os a acorrer, com as suas ofertas, á Camara Municipal.

Biblioteca e Museu

Que se tem feito para se imprimir realidade ao intento de se crear uma biblioteca municipal em Santo Tirso? De lamentar seria que se ficasse em vãs promessas ou em palavras vãs.

As promessas e as palavras, se revelam sabedoria ou virtude, são coisas que impressionam ou deleitam; mas quanto mais belo é ver os actos seguirem as idéas, as obras germinarem da intenção! E, neste caso particular, a vereação prestaria o melhor dos serviços se fundasse em Santo Tirso um biblioteca pública. Os pósteres lhe agradeceriam com ditirâmbicos louvores, rendidos ante a eminência da utilidade dessa instituição.

E' possível que haja quem retorça os beiços escarinhos, num tregeito de mofa brêgeira, voltaireana, de superioridade e desdem, ao ler as fogosas razões com que eu incito á creação de uma biblioteca municipal e pública nesta vila...

Praetor non curat minimis!

Pouco importa: defendo um projecto, que se me afigura de benemerencia popular, e digo-o em termos claros, como é meu timbre proceder em tudo quanto faço.

Eis o meu programa: fundar uma biblioteca e anexar-lhe um museu. Sim: uma biblioteca e um museu, ambos a expensas da Câmara, que os sustentaria sem o mínimo receio de desarranjo orçamental. Já anda dito e redito o essencial sobre as altíssimas vantagens mentais e morais da fundação da biblioteca.

E do museu?

Pois, senhores: já que o dr. Alexandre de Córdova, com tão rara como prestante isenção, ofertou ao município a sua interessante colecção de aves nacionais, de moedas, etc., — cumpre aproveitar a filantrópica dádiva. São muitas dezenas de exemplares, alguns de

difícil aquisição, que não iriam desdourar o museu que se organizasse.

E já que o abade Pedrosa, (santa figura de evangelizador, que é um dos raios de luar da minha infância), conseguiu reunir curiosíssimas espécies de geologia, arqueologia e numismática, obtenha-se a necessária autorização para se retirar dos claustros o armário que os exhibe, sujeitos às irreverências dos garotos, e removam-no carinhosamente para o museu municipal.

Uma sala de geologia e arqueologia; outra sala de zoologia; outra de pintura, constituída por quadros de artistas tirsenses e de quaisquer outros que os oferecessem (o que não será difícil): — eis o início, o centro nuclear dum outro museu maior, enriquecido através dos anos pelas dádivas ou comprar que a afeição dos homens ou os casos da fortuna viessem a permitir.

No salão mais vasto instalar-se-iam a biblioteca e as montras de numismática; em mais três ou quatro salas, de tamanho menor, ficaria à maravilha o museu anexo. E teríamos, pronto a funcionar dentro de poucos meses, a *Biblioteca Museu de Santo Tirso*.

Nem nos falta casa apropriada... Ha ali na Praça da República, pleno no coração da vila, o edificio em que funcionou a Escola Complementar, hoje extinta. Ele presta-se o melhor possível para a instalação da biblioteca e museu: fachada de linhas amplas, a que não escasseia certa pompa; amplitude do salão do 1.º andar, magnífico com suas cinco janelas bem rasgadas, no qual se podiam amesentar a biblioteca; e mais três ou quatro saletas, que bem se adaptariam ao aludido museu.

Em consequência, Santo Tirso disporia de mais este trunfo de turismo regional: uma biblioteca e um museu!

Mas, muito mais do que esse intuito rudemente interesseiro de se captar o turista pela exhibição de mais um atractivo, outro mais puro, mais luminoso, de mais

alta nobreza, nos impele: — é o acendrado amor à cultura do povo.

Num mundo e num tempo em que os instintos pretendem romper a débil crosta da civilização sècular; quando a besta, que dormita no recesso da consciência humana, se esforça por estilhaçar as cadeias com que cinco mil anos de labor espiritual a tinham encadeado; quando a dulcíssima flor do idealismo, cujo casto aroma perfumou as parábolas de Jesús, estiola os lodaçais, entre o sarcasmo das multidões ululantes: — é preciso fazer apêlo a todos os sentimentos bons, para que o Espírito se não atole nos abismos, para que o deuses apocalípticos o querem arrastar.

Ah! elevemos o povo pelas enegias do saber. Para que floresça mais justiça na Terra, tornemos os indivíduos mais iguais perante a Inteligência, como os já tornamos iguais perante o Direito.

E' que nada, como a cultura, aniquila e pulveriza as barreiras entre os indivíduos. mais do que a opulência argentária ou do que um fortuito nascimento feliz, o cérebro cultivado aproxima e iguala as pesias, fazendo tombar, como balisas inanes, as grosseiras distinções sociais, sobrevivências da ignara barbárie.

A confraternização pela alma, êsse diamantino amplexo de dois espíritos que se encontram, convivem e se entendem; a irmanação de dois seres pela reciprocidade de compreensão ante as incógnitas da vida — tudo isso é bem mais perdurável do que as fricções de duas bolsas chocalhantes de ouro, cujo retinir imita as casquinhas de Mefistófeles e perverte a consciência com tentações do diabo.

O amor que eu tenho à cultura! Puzessem num dos pratos da balança as maiores riquezas do universo — gemas de esplendoroso fulgor, rútilas pedrarias só dignas das mãos patrícias; e no outro puzessem o Saber: — eu fugiria dos maravilhosos tesouros, e lançar-

-me-ia no sorvedouro de ciência, com o júbilo das suas certezas e a angústia das suas dúvidas...

Pois abrámos êsse paraíso da leitura aos moços da nossa terra. A juventude tirsense, que naturalmente se debate nas insídias tentaculares das tendências *refou-lées* no sub-consciente freudeano, lucraria muitíssimo com a abertura dum local de leitura pública e com a quotidiana exposição do museu regional.

Os moços precisam de ser atraídos para as coisas belas. Conduzir um jóvem a contemplar um quadro ou uma estátua, e a ler um volume de arte ou de ciência, — é inocular-lhe as ânsias dum sublime *excelsior*, talvez despertar nele os germes de mais nobres ideais.

Porque não é seduzi-los com espectáculos onde a brutalidade impera, onde o forte derruba o fraco, onde a insolência triunfa no cinismo da sua irresistível opressão, onde as propensões bestiais gritam vitória nas arremetidas das energias físicas desenfreadas; — não é conduzir os jóvens, de alma amolfaável aos primeiros contactos com a vida, a tais espectáculos de orgia sensual e muscular, que se lhes incute o respeito ao ser humano, o dever de se sacrificar pela colectividade a que pertencem e que os coajuva, emfim: tôdas essas noções de altruísmo que floriram num S. Francisco de Assís, num S. Vicente de Paula ou num Pestalozzi.

Não é assim, com tais exemplos nem com tais sugestões: é, sim, sugerindo-lhes a sêde de leitura, é facultando-lhes livros que os aconselhem, os ensinem, os instruem na prática do Bem e da Justiça, livros que elevem as suas almas para as alturas que só os eleitos atingem, livros que sejam aroma na sua fantasia e flâmulas de astro na sua inteligência...

Edís do meu concelho: deveis ser amigos da mocidade!

Joaquim Ferreira

O Mosteiro Beneditino de Santo Tirso

As restaurações sucessivas por que passou; os seus três claustros, a história do chafariz do claustro da Igreja. O incêndio de 1902.

O nosso mosteiro — que fôra reedificado para a ordem de S. Bento — pelo decorrer dos séculos passou por várias restaurações que, lentamente, modificaram o seu primitivo estilo architectónico.

No princípio do século XIV, o mosteiro foi reconstruído na sua quasi totalidade, o que fêz com que o seu aspecto, que lhe proveio da reedificação ordenada pelo Infante D. Alboazar, tivesse sido transformado.

Mais tarde, outras obras se executaram, muitas das quais foram sujeitas ao gosto dos seus bemfeitores e dirigentes; até que, no século XVII, as dimensões do mosteiro foram ampliadas, tendo sido ordenada a construção de três dormitórios, um virado para oeste, outro para o sul e outro para leste.

Frei João de S. Tomás, no 2.º tomo da sua obra a «Benedictina Lusitana», de 1651, escreveu sobre este último dormitório: «Acabado será muito comprido e muito formoso».

Havia, no convento, três claustros tendo cada um deles um «belo e magestoso tanque ou chafariz».

Por Frei Domingos de Santa Gertrudes Magna, monge de S. Bento e que sobreveio à extinção das ordens religiosas, o claustro mais antigo, o contíguo à igreja, foi, assim, descrito: «Está formado sobre colunas de pedra lavrada, nas semilhas e pés, estas são dobradas, em distância de 5 palmos dumas às outras e parece em gosto gótico, ao menos muito antigo.»

Este claustro é constituído por duas galerias.

A galeria inferior foi reconstruída debaixo da direcção do monge beneditino, Frei João Torreno, que respeitou o seu primitivo estilo.

A galeria superior não obedeceu, porém ao mesmo estilo, o que motivou a depreciação do seu valor artístico; e, por isso teve de ser classificado como *monumento nacional de segunda classe*.

Todos conhecem, sobejamente, este precioso quadrado, a que o nunca esquecido e distinto arqueólogo abade Pedrosa chamava a «joia architectónica».

Em 1897, por exclusiva iniciativa do Comendador Costa e Sá, coadjovado pelo benemérito doador, José Luís de Andrade, que fôra o herdeiro do saudosíssimo Conde de S. Bento, procedeu-se à reconstrução deste claustro «cujo desabamento não se fazia esperar».

Esta restauração urgente mereceu, por parte dos seus promotores, o maior cuidado e interesse pelo seu valor arqueológico.

E, desta maneira, a todos foi e é dado contemplar os seus formosos arcos ogivais, as suas elegantes e duplas colunas e os ornatos variadíssimos dos seus capitéis.

Observa-se, na verdade, um conjunto maravilhoso, que deixa vêr a fanatismo do engenheiro que o delineára e que, parece, apostára um *prémio* ao observador, quer encontrasse dois arcos iguais.

O respeito devido à architectura do século XVII renasceu, no nosso meio, e o chafariz primitivo *regressou* ao antigo sítio.

Deve este melhoramento notável, que é justo arquivar, ao rev. João Gonçalves da Costa, actual pároco de Santo Tirso, que, pelo seu amor à igreja e persistência, tornou uma realidade o aforismo popular *O bom filho à casa torna...*

E aí temos levantado no meio do claustro o chafariz de 1646, que *andou errante* (permita-se a frase) desde 1862, ano em que fôra vendido, até 1929, ano da sua compra, para nosso brío e para admiração dos nossos forasteiros.

O segundo claustro constitui uma dependência da Escola Agrícola.

E o terceiro... foi pouco feliz!

A sua alvenaria anda dispersa e os seus arcos e as suas colunas foram deslocados para... os recreios dos rapazes da nossa Escola Primária.

No dia 4 de fevereiro de 1902, manifestou-se um incêndio na residência paroquial, que, tendo-se comunicado à parte do mosteiro ocupada actualmente, pela Escola Agrícola, e ao claustro se tornou pavoroso!

O incêndio, na sua fúria, não poupou, também, o altar de N.ª Senhora das Dores, que o saudoso abade Pedrosa estava a concluir no claustro e debaixo daquela sua residência.

A causa dêste sinistro foi atribuída a umas brasas deixadas na indicada residência, depois de preparadas e colhidas as cinzas que se destinavam à cerimónia da Páscoa.

Bastantes tirsenses recordam-se do intenso clarão das chamas e do alarme do pedreiro, da Trofa, que dormia numa dependência do Asilo-escola e que fôra acordado pelo grande tropel de um cavalo, que, com a fumarada, se inquietára.

Os Bombeiros Voluntários de Santo Tirso acudiram prontamente e com rapidez conseguiram localizar o incêndio, no que foram auxiliados pela população da vila.

Muitas pessoas, duma abnegação nunca excedida, tendo-se destacado José António Martins, então cabo da guarda-fiscal, prestaram serviços magníficos e utilíssimos.

Este semanário do dia 6 de fevereiro daquele ano, escreveu: «Algumas senhoras tirsenses, num rasgo de indiscreta dedicação, fazendo lembrar a abnegação de heroicidade das matronas do Império Romano, no tempo de acrisolado civismo, desceram — desceram é uma palavra exigida pelas necessidades da narrativa — ou antes, não hesitaram em acarretar cantaros de água e, afanosas, desenrolando prodigiosa actividade, iam e vinham, transportando inúmeros cantaros de água para a extinção do terrível incêndio».

Os prejuízos foram avultados, mas cobertos; a parte da Escola Agrícola pelas companhias de seguro e a parte da residência paroquial e do claustro pelo donativo espontâneo do Comendador Costa e Sá.

Como se vê, êste bemfeitor, para atenuar a dor imensa que tal desastre provocára em toda a vila, e, até, certo ponto, para premear o heroísmo de muitos tirsenses, interveio, imediatamente, com a sua generosidade, ordenando a restauração do claustro; e assim, acudiu, mais uma vez, às inadiáveis necessidades da igreja.

E' de justiça, pois, comemorar esta nobre atitude.

(Conclue no próximo número)

F. C. d'A.

Museu Regional de Santo Tirso

Proposta para a sua criação apresentada ao Presidente da Camara Municipal pelo nosso ilustre conterrâneo sr. dr. Antonio Augusto Ferreira da Cruz

Regra geral, o português desconhece o seu país. Ufana-se de ter corrido as sete partidas: mas não se envergonha quando se sente incapaz de responder à pergunta mais comeseinha que verse assuntos da sua terra. Mais ainda: o português desconhece, sobretudo, quanto de belo e eterno ha na arte, nos costumes, nas tradições da sua pátria. Daí, os nossos artistas, os nossos escritores, muitas vezes, — ia a escrever quasi sempre ... — buscarem em terra estranha as fontes, a inspiração da sua obra. Já no século XVII, a tal respeito, escrevia o P.^o Manuel Bernardes: «Amoleceu-nos a infusão dos costumes estrangeiros, que veneramos, devendo aborrecê-los; e nós, que estamos no fim da terra, ficamos no meio do mar das suas depravações».

Causas ... Mas elas são tantas, tão variadas, — e tão remotas! Porque se não ha-de opor-lhe um obstaculo? Porque se não ha-de chamar o nosso povo à realidade, mostrando-lhe as grandezas do nosso passado, educando-o no culto do que nos resta da civilização dos nossos maiores?

Nesta obra que há que levar a cabo, mormente nesta hora de ressurgimento, os museus desempenham um papel primordial, de capital importância, até. Percorrendo as suas salas, o povo habitua-se a admirar e a compreender a evolução da sociedade. Através dos objectos expostos, o povo coloca-se em contacto com os frutos dos tempos idos, adquire a noção do seu valor, inteira-se da grandeza duma civilização que data dos tempos mais remotos e que atravessou dezenas de séculos num crescente maravilhoso de construcção, até que atingiu o apogeu naépoca doirada de quinhentos, desdobrando-se em descobrimentos e conquistas.

Disse Herculano que os povos da Peninsula são mais antigos do que julgam. O que elles não teem, porém, é a noção da sua antiguidade, — nem do seu valor. Ignoram quanto foram grandes noutras éras. Jamais ouviram falar no papel preponderante que desempenharam no avanço da civilização. É que nunca viram, nunca lhes foi possível admirar o que nos resta dêsse passado. Essa missão cabe aos museus: e estes existem apenas em grandes centros. Ao contrario do que acontece noutros países com menos tradições, em Portugal não há museus regionais!

Repito: nesta hora de ressurgimento, importa, antes de mais, que se ministrem lições ao povo, mas lições que se tornem eloquentes e para que fiquem marcadas na sensibilidade daqueles que os venham a receber. Desta forma se levará o povo a conhecer e a amar a pátria. Pois é preciso que o povo se inteire da realidade que é a sua existencia de 60 séculos, habitando esta nesga ocidental da peninsula, sacudindo sempre o jugo dos invasores, proclamando sempre o seu valor e a sua independencia!

No seu estudo sobre a poesia da Meia-Idade, G. Paris escreveu: «La haute culture d'une nation est, au moins pour une bonne part, la conscience de sa continuité qu'elle acquiert par l'étude de son passé». Ora o passado se Santo Tirso de Riba d'Ave é dos mais brilhantes. As suas tradições, das mais ricas. Os seus usos e costumes, dos mais duradoiros e eficazes, porque não perpetua-los, reunindo todos os frutos do labor dos habitantes da região?

Para isso, é absolutamente necessário que se crie, mas com urgencia, um Museu Regional. Fim a que visa: reunir e agrupar, classificando-os, todos os elementos materiais que possam concorrer para o estudo da região e dos seus habitantes, desde as eras mais remotas até aos nossos dias. Trajos, industrias, costumes, crenças, habitações; arranjos domésticos, gostos artísticos, lembranças de romarias, — tudo será representado no Museu Regional!

Secções do Museu

Uma vez classificados, todos os objectos serão incorporados nas duas grandes secções do Museu! Arqueologia e Etnografia.

A primeira, conta já o importante núcleo reunido pelo erudito arqueólogo Abade Pedrosa, actualmente expostos nos claustros do Mosteiro de Santo Tirso. Ha que o valorisar e defender; a êsse núcleo, juntar-se-ha o produto de oferendas particulares e de explorações a fazer nalguns pontos do concelho. Ao cabo, o Museu Regional de Santo Tirso possuirá uma importante colecção arqueológica.

Quanto à Etnografia... Eis uma ciência que visa «examinar o que é que dá índole e coesão a um povo, e o distingue do outro; o que nele é congénito e primitivo, ou que, com o tempo, e por apropriação do que lhe chegou de outro povo, se tornou típico; os produtos directos (imediatos) e indirectos (mediatos) da sua psique, espontaneos ou assim julgados». (Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, 1.º vol. pag. 2).

Pela índole dum povo, pelos seus usos e costumes, se demarca uma região. O dr. João de Barros, a fls. 37 do seu *Espêlho de Casados*, reconhecia isto mesmo, ao escrever: «em um reino se guarda um costume, e em outro mui diferente».

E tanto, tanto se pode recolher em todo o concelho, dentro deste campo tão vasto! E' percorrer todas as aldeias bater a todas as portas. Com o auxilio dos amigos

do Museu — que hão-de surgir e até agrupar-se, creio bem — será possível recolher para essa secção tudo quanto interessa á Etnografia regional: utensilios da vida agrária, industrias caseiras (tear, fusos, dubadoiras, etc.), utensilios de caça e pesca, pesos, medidas, relógios, vestuários e adereços (exemplares reais e modelos), heraldica, pinturas antigas, registos de Santos, ex-votos, objectos de culoto, colecções de *ex-libris*, ferragnes (espelhos de porta, etc.), louças antigas, azulejos, utensilios de fumar e cheirar tabaco, armas, brinquedos infantis, açmuletos, etc., etc.

O Museu Regional de Santo Tirso pode ser um facto, dentro em breve. Compete á Camara Municipal do concelho meter ombros a tal empresa. Será mais um atractivo para o grande e importante centro de turismo que é Santo Tirso: eis porque a Comissão de Iniciativa e Turismo deve tambem auxiliar a sua fundação.

ANTONIO CRUZ

*
* *

Cópia da carta que acompanhou a proposta:

«Ex.^{mo} Senhor Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Santo Tirso

Excelencia:

Ao seu alto critério venho submeter a proposta da criação dum Museu Regional que junto a esta.

A bem do concelho, espero que seja deferida esta pretensão que não é minha, mas de todos os bons amigos de Santo Tirso.

Coimbra, Montarroio, 9 de Maio de 1934.

Antonio Augusto Ferreira da Cruz.

Biblioteca-Museu

O Dr. Joaquim Ferreira, meu ilustre irmão, uma vez mais veio à liça no «Jornal de Santo Thyrso» em defesa da fundação duma Biblioteca-Museu na nossa progressiva e doutoral vila tirsense.

Suponho eu que tal aspiração dum espírito que tanto e tanto aos livros deve não encontrará daninha indiferença, e antes terá a apoiá-la a decidida boa-vontade daqueles que saibam medir o superior e largo alcance intelectual de tal medida com profundas consequências na elevação social do nosso meio.

Eu também já em recuados tempos preconisei a fundação duma Biblioteca Municipal e dum Museu Regional anexo, e por carta dirigida ao sr. Presidente da Comissão Administrativa da Câmara, publicada neste jornal em seu número de 20 de Abril de 1933, em resposta a um ofício de S. Ex.^a, no qual era solicitado o meu limitado concurso, defendia calorosamente a fundação de tão útil estabelecimento, pois nêle via um factor de «largo e profundo alcance para a formação mental das sucessivas gerações futuras de Santo Tirso».

E colocava-me incondicionalmente ao dispor do sr. Presidente da Câmara na organização dessa Biblioteca, «não só oferecendo os meus poucos volumes publicados, como solicitando dos meus amigos e camaradas das letras, entre os quais tenho orgulho de contar os mais ilustres nomes literários do País, as suas obras... E aproveitei então a oportunidade, para início da efectivação dum Museu Regional anexo à Biblioteca projectada, de ofertar à Câmara as minhas colecções de moedas, de zoologia e botânica, bem como a respectiva mobília, colecções estas de certo valor e valendo uns milhares de escudos, que mais tarde vi no Liceu desta vila num tristíssimo estado de abandono, vá-se dizendo em abôno da verdade.

Aventava também a ideia de imediatamente fazer parte dêsse Museu a valiosa colecção arqueológica do falecido e ilustre Abade Pedrosa, que nos Claustros da Igreja Matriz se encontrava... lançada ao mais desolador abandono!

Mais tarde, o meu caro irmão Joaquim, sempre dominado pela ansiosa aspiração duma maior perfeição moral e intelectual da terra onde viu a luz da vida e onde descansam, na eterna e fria imobilidade da morte, os que a gente sempre trouxe juntinho do coração, lançou, em artigo publicado também neste periódico em 18 de Maio de 1933, um novo e fremente brado de entusiasmo para a imediata criação da *Biblioteca e Museu Municipal de Santo Tirso*, que bem podia formar-se «duma sala de geologia e arqueologia; otra de pintura, constituida por quadros de artistas tirsenses e de quaisquer outros que os offeressem», o que seria mais um triunfo de turismo regional, e além da «exibição de mais êste atractivo, outro mais puro, mais luminoso, de mais alta nobreza se impunha: o acendrado amor à cultura do povo».

Creio que outros secundavam esta limitada campanha em prol da fundação dêsse estabelecimento de cultura, mais do que a jardins de fungagás ou casas de chás para divertimentos de ociosos ou de espíritos a quem as letras fizeram negaças, bem mereceria das gerações presentes e futuras.

Mas os tempos foram-se sucedendo, e os anos rolando na dobadora da vida, e aquilo que foi um sonho quasi tornado realidade apagou-se.

(...)

ALEXANDRE DE CORDOVA

**Extracto da sessão da Câmara Municipal de Santo Tirso
— Abril de 1940**

«(...) Alínea t — Comunicou o Senhor Presidente que entabelara negociações com a Excelentíssima Família Pedrosa, desta vila, herdeira e representantes do falecido pároco Joaquim Augusto da Fonseca Pedrosa, a fim de se transferir para o museu municipal o curioso fundo de fósseis, minerais e objectos pré-históricos e históricos, que aquele apaixonado tirsense e distinto arqueólogo recolheu e coligiu com destino a um museu local, que iniciou e se encontra em precárias condições de segurança e em risco de destruição e desaparecimento, nos claustros do Convento Beneditino; e tem a satisfação de comunicar que a Excelentíssima irmã e Excelentíssimos sobrinhos do fundador generosamente

ofereceram ao município aquela colecção, com a condição de, depois de inventariada, ser conservada a patente gratuita ao público do Museu Municipal e jamais ser negociada ou por qualquer forma diminuída ou dispensada. A Câmara congratulou-se com tão meritoria resolução e deliberou aceitar reconhecida a oferta nas condições indicadas, encorporar desde já o valioso espólio no Museu Camarário instalado no Museu Municipal, dando, em homenagem ao infatigável investigador o nome de Abade Pedrosa ao dito Museu, o que tudo se comunicará à Família e se dará à publicidade.»

BIBLIOGRAFIA

- V.V. (1884) — Congress International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques — *Compte Rendu de la neuvième session à Lisbonne, 1880*. Lisboa.
- s/A. (1885) — «Santa Casa da Misericórdia». *Jornal de Santo Thyrsó*, 10.09., Santo Tirso.
- , (1885) — «Commissão de beneficência». *Jornal de Santo Thyrsó*, 23.07., Santo Tirso.
- , (1885) — «Fallecimento». *Jornal de Santo Thyrsó*, 21.05., Santo Tirso.
- , (1885) — «Rendimentos dos parochos». *Jornal de Santo Thyrsó*, 09.04., Santo Tirso.
- , (1885) — «Visconde de S. Bento». *Jornal de Santo Thyrsó*, 08.01., Santo Tirso.
- , (1886) — «A comunhão aos presos e entrevados». *Jornal de Santo Thyrsó*, 06.05., Santo Tirso.
- , (1886) — «Inauguração solemne da Escola Visconde de S. Bento, em Santo Thyrsó». *Jornal de Santo Thyrsó*, 08.01., Santo Tirso.
- , (1887) — «Custodia de prata — coincidência notavel». *Jornal de Santo Thyrsó*, 17.02., Santo Tirso.
- , (1888) — «Camara Municipal». *Jornal de Santo Thyrsó*, 06.12., Santo Tirso.
- , (1888) — «Cadafalso dos Malandros jesuitas — Santo Thyrsó». *Radical*, 29.10., Porto.
- , (1888) — «Santo Thyrsó». *Radical*, 22.10., Porto.
- , (1888) — «Santo Thyrsó». *Radical*, 15.10., Porto.
- , (1888) — «Declaração». *Jornal de Santo Thyrsó*, 25.10., Santo Tirso.
- , (1888) — «Passamento». *Jornal de Santo Thyrsó*, 16.02., Santo Tirso.
- , (1889) — «Viatico aos presos e aos enfermos». *Jornal de Santo Thyrsó*, 02.05., Santo Tirso.

- , (1889) — «Procissão de Passos». *Jornal de Santo Thyrsó*, 18.04., Santo Tirso.
- , (1890) — «Festa Grande de S. Bento». *Jornal de Santo Thyrsó*, 17.07., Santo Tirso.
- , (1890) — «Camara Municipal». *Jornal de Santo Thyrsó*, 03.04., Santo Tirso.
- , (1890) — «Missa por alma da Imperatriz do Brasil». *Jornal de Santo Thyrsó*, 04.01., Santo Tirso.
- , (1891) — «Santa Casa da Misericórdia». *Jornal de Santo Thyrsó*, 06.08., Santo Tirso.
- , (1891) — «Pomposas solemnidades da Semana Santa». *Jornal de Santo Thyrsó*, 02.04., Santo Tirso.
- , (1891) — «Festa Grande de S. Bento». *Jornal de Santo Thyrsó*, 11.06., Santo Tirso.
- , (1896) — «O Sanctuario da Senhora da Assumpção». *Jornal de Santo Thyrsó*, 25.02., Santo Tirso.
- , (1899) — «Eleição da Santa Casa da Misericórdia». *Jornal de Santo Thyrsó*, 07.08., Santo Tirso.
- , (1899) — «José Luiz D'Andrade». *Jornal de Santo Thyrsó*, 27.07., Santo Tirso.
- , (1900) — «Achado Archeologico». *Jornal de Santo Thyrsó*, 22.08., Santo Tirso.
- , (1905) — «Visita Paschal». *Jornal de Santo Thyrsó*, 27.04., Santo Tirso.
- , (1906) — «Communhão as crianças». *Jornal de Santo Thyrsó*, 31.05., Santo Tirso.
- , (1913) — «Doentes». *Jornal de Santo Thyrsó*, 17.07., Santo Tirso.
- , (1916) — «Terras de Portugal — Santo Tirso». *Jornal da Semana Thyrsense*, 23.07., Santo Tirso.
- , (1916) — «Deliberações». *Jornal da Semana Thyrsense*, 20.02., Santo Tirso.
- , (1937) — «Falecimentos — D. Maria Ernestina da Fonseca Pedrosa». *Jornal de Santo Thyrsó*, 14.10., Santo Tirso.
- , (1940) — «A correspondência Martins Sarmento — P. Joaquim Pedrosa — pelo Dr. A. C. Pires de Lima». *Jornal de Santo Thyrsó*, 29.11., Santo Tirso.
- , (1940) — «Liceu Municipal». *Jornal de Santo Thyrsó*, 13.12., Santo Tirso.
- , (1940) — «Falecimentos — D. Maria José da Fonseca Pedrosa». *Jornal de Santo Thyrsó*, 26.07., Santo Tirso.
- , (1943) — «Biblioteca-Museu». *Jornal de Santo Thyrsó*, 24.08., Santo Tirso.
- , (1945) — «Biblioteca-Museu». *Jornal de Santo Thyrsó*, 14.08., Santo Tirso.

- , (1889) — «Inauguração do busto no edifício escolar — Distribuição de prémios». *Jornal de Santo Thyrso*, 10.01., Santo Tirso.
- , (1890) — «Funeral — Missa do sétimo dia». *Jornal de Santo Thyrso*, 13.03., Santo Tirso.
- , (1892) — «Dr. Joaquim Anacleto da Silva Pedrosa — Fallecimento — Funeral». *Jornal de Santo Thyrso*, 28.01., Santo Tirso.
- , (1896) — «Sanctuario da Senhora da Assumpção». *Jornal de Santo Thyrso*, 08.10., Santo Tirso.
- , (1896) — «O Sanctuario da Senhora da Assumpção». *Jornal de Santo Thyrso*, 22.10., Santo Tirso.
- , (1897) — «O Sanctuario da Senhora da Assumpção». *Jornal de Santo Thyrso*, 25.02., Santo Tirso.
- , (1905) — «As festas a S. Bento». *Jornal de Santo Thyrso*, 30.03., Santo Tirso.
- , (1915) — «Museu Arqueológico». *Jornal de Santo Thyrso*, 13.09., Santo Tirso.
- , (1920) — «Abade Pedrosa». *Jornal da Semana Thyrsense*, 15.02., Santo Tirso.
- , (1933) — «Biblioteca Municipal». *Jornal de Santo Thyrso*, 20.04., Santo Tirso.
- A.M. (1887) — «João Pedrosa — Necrologia». *Jornal de Santo Thyrso*, 22.09., Santo Tirso.
- Andrade, Francisco Coelho de (1933) — «O Mosteiro beneditino de Santo Tirso». *Jornal de Santo Thyrso*, 15.06., Santo Tirso.
- Cardozo, Mário (org.) (1947) — *Correspondência Epistolar Entre Emilio Hübner e Martins Sarmento*. Guimarães, pp. 130-131.
- Coelho, Adolfo (1887) — «Necrologia». *Jornal de Santo Thyrso*, 22.09., Santo Tirso.
- Córdova, Alexandre (1945) — «Biblioteca-Museu». *Jornal de Santo Thyrso*, 21.08., Santo Tirso.
- Costa, Padre João (1930) — «O Conde e a Igreja». *Jornal de Santo Thyrso*, 03.06., Santo Tirso.
- Cruz, António (1934) — «Museu Regional de Santo Tirso». *Jornal da Semana Thyrsense*, 13.05., Santo Tirso.
- Cunha, João Joaquim da (1888) — «Declaração». *Jornal de Santo Thyrso*, 25.10., Santo Tirso.
- F. C. d'A. (1933) — «O Mosteiro Beneditino de Santo Tirso». *Jornal de Santo Thyrso*, 08.06., Santo Tirso.
- Ferreira, Joaquim (1933) — «Biblioteca e Museu». *Jornal de Santo Thyrso*, 10.05., Santo Tirso.

- Ferreira, Joaquim (1945) — «Fundação de uma Biblioteca-Museu». *Jornal de Santo Thyrsó*, 07.08., Santo Tirso.
- G. B. (1887) — «João Baptista da Fonseca Pedrosa». *Jornal de Santo Thyrsó*, 22.09., Santo Tirso.
- Gonçalves, Victor (1980) — «O IX Congresso de Antropologia e Archeologia Prehistorias (Lisboa-1880): uma Leitura, seguida de «Crónica» de Bordalo Pinheiro». Lisboa, pág. 18.
- Lemos, Francisco Sande (1985) — «A Conferência de 1877 na Citânia de Briteiros — Guimarães». *Cadernos de Arqueologia*, 2,2, Braga, pp. 195-214.
- Lemos, Francisco Sande (1988) — «A Excursão ao Norte do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prehistóricas — 1880». *Forum*, 1,4, Braga, pp. 42-56.
- Pedrosa, J. A. Fonseca (1901) — «Carta». *Jornal da Semana Thyrsense*, 13.10., Santo Tirso.
- Pimentel, João (1920) — «Abade Joaquim A. da Fonseca Pedrosa». *Jornal de Santo Thyrsó*, 19.02., Santo Tirso.
- Sarmiento, Francisco Martins (1933) — *Dispersos*. Coimbra, pp. 173-174, 252-253.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
O ABADE PEDROSA: A PESSOA	8
O ABADE PEDROSA: ACTIVIDADE ARQUEOLÓGICA	9
A CRIAÇÃO DO MUSEU ABADE PEDROSA	12
CRONOBIOGRAFIA DO ABADE PEDROSA	13
CORRESPONDÊNCIA ENVIADA A POSSIDÓNIO DA SILVA	17
TEXTOS DE IMPRENSA E OUTROS RELATIVOS AO ABADE PEDROSA E AO MUSEU	22
BIBLIOGRAFIA	67

